

### CAPÍTULO 3 – PAJUBÁ: LINGUAGENS, CULTURAS E CONTEXTOS

Deram a Elza na minha voz,  
Estilo Ariel, sabe...? A pequena sereia  
E falaram que eu era uma bicha-louca  
Quando eu percebi os BOs

Como qualquer pessoa em derrocada,  
Fiquei passada, preterizada  
Com a audácia dessa munição engravatada

Acontece que eu sou meiga e abusada (bem Anitta)  
Não deito pra patifaria

Coloquei o meu picumã imaginário  
Usei meu carão de Beyonça  
Liguei meu ventilador na potência máxima  
E botei minha boca no trombone mesmo

Se é pra ser a louca, louquíssima  
Faço pior, faço o Show da Xuxa  
Pois tenho que fazer valer a minha cara e crachá

Prazer, bicha-louca  
Mas a voz, kiridjinha, é toda minha

(Niél Sàlim, poema pessoal escrito na oficina de pajubá realizada  
em Valparaíso de Goiás no dia 14 de outubro de 2023)

O poema acima foi escolhido para abrir o capítulo, pois, além de apresentar textos em pajubá, ele exalta a linguagem, o estilo de fala, os gestos, as expressões, os tons e as inflexões de voz de um Eu lírico *queer*. Essa personagem se apropria e redefine o termo “bicha-louca”, para demonstrar o orgulho em ser quem é. Além disso, sua voz é motivo de honra — mesmo diante de críticas —, pois ela se recusa a ser silenciada, já que seu amor e autenticidade não podem ser roubados por ninguém. A personagem também utiliza o termo “Beyonça” para simbolizar sua expressão. O autor do texto escolheu esse termo de propósito, pois percebe semelhanças entre a beleza e a postura enérgica da cantora norte-americana Beyoncé no palco e a atitude altiva e confiante do Eu poético *queer*.

O autor desse poema, Niél Sàlim, escreveu o texto originalmente durante uma oficina de escrita e linguagens, baseada no pajubá, que foi promovida pelo próprio autor desta dissertação e outros membros da Academia Valparaense de Letras. Mais adiante, será explicado em detalhes como essa oficina ocorreu, assim como outras oficinas que foram elaboradas e oferecidas pelo autor desta dissertação. Além disso, ao longo das seções, serão compartilhados textos de outros participantes da oficina de escrita e linguagem.

Neste capítulo, será abordada a variante pajubá e como ela existe na comunidade LGBTQIA+. As descobertas serão apresentadas com base nos relatos e nas experiências das entrevistadas mencionadas nos capítulos anteriores. Além disso, novas figuras serão incluídas nas próximas páginas, pois foram realizadas três oficinas específicas sobre o pajubá. Além das entrevistadas, muitas outras pessoas de diferentes gêneros e orientações sexuais participaram dessas oficinas.

A oficina será o produto técnico a ser apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Modalidade Profissional da Faculdade de Educação da UnB. Para aprimorá-la, foram realizadas três experiências bem-sucedidas, a fim de entregar um produto mais refinado e envolvente, designado especialmente para gestores, docentes e demais profissionais da educação pública. O intuito é promover o conhecimento da cultura LGBTQIA+ entre esses profissionais e aproximá-los da realidade das pessoas trans e travestis, a fim de permitir que mergulhem em um universo diverso presente nas salas de aula em todo o Brasil.

Assim, a fim de compreendermos adequadamente os procedimentos que constituem o pajubá, desde sua gênese até sua utilização nos contextos educacionais e sociais atuais, as seções do capítulo abordarão essa variante e explicitará sua formação e permanência. Diante dessa perspectiva, a próxima seção exporá o conteúdo e apresentará os entrevistados ao universo da linguagem, estabelecendo uma conexão entre a educação pública brasileira e o pajubá.

Nesse contexto, a seção inicial deste capítulo apresentará o contexto histórico que deu origem à variante linguística em questão. Por meio das palavras aqui descritas, será possível compreender as sutilezas que moldaram os termos pajubescos e o motivo pelo qual a comunidade LGBTQIA+, representada pelas travestis da época, os criou e adotou.

A seção seguinte abordará a relevância da variante na vida das pessoas travestis, desde a sua origem até os dias atuais. Vale ressaltar que a criação dessa variante tem desempenhado um papel crucial na preservação de vidas e na amplificação das vozes que

antes eram silenciadas. O uso do pajubá e a incorporação dessa variante têm sido fundamentais para a sobrevivência da população trans-travesti, além de permitir uma comunicação segura, facilita a inclusão em diversos espaços. Ao adentrar esses lugares, o diálogo pode continuar de forma discreta, preservar a imagem dos usuários e, consequentemente, sua sobrevivência.

A terceira seção irá abordar como o pajubá tem sido reconhecido atualmente em diversos contextos sociais. Explicar-se-á sua existência a partir de sua disseminação por meio da criação de dicionários, primeiramente pela ativista LGBTQIA+ Jovanna Baby, que foi responsável por redigir o primeiro em formato impresso. Esse feito abriu caminho para a elaboração de diversos outros dicionários, tanto em versões *online* quanto físicas. Além disso, livros, redes sociais, mídia e a criação de um museu virtual LGBT, intitulado Pajubá, têm desempenhado um papel significativo na popularização dessa variante linguística em distintas regiões do território brasileiro.

Para finalizar, as três últimas seções deste capítulo serão dedicadas à oficina de pajubá. O objetivo será apresentar, minuciosamente, os elementos e o contexto das três oficinas, além de explicitar todo o escopo, o roteiro e as dinâmicas desenvolvidas. Salienta-se que duas delas ocorreram em Valparaíso de Goiás e outra na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

### **3.1. Plote pajubesco: a cultura travesti em conexão**

Mona, passei por um aleijo que nem te conto...

A bicha chegou em mim e na minha mulher toda cheia da razão dizendo: “Que coisa feia, ficar fazendo essas coisas depravadas. E outra, quer ficar se fazendo de homem por aí”.

Bee, cê acredita???

E eu respondi perguntando se a gata queria fechar um trisal com a gente

Essa pitbullzeira ainda mandou eu ir procurar uma Igreja kkkkkk

Às vezes fico em choque que em pleno 2023 tem tanta homofobia

Esse povo alma sebosa que se faz de Alice

## AI MEU EDI, VIU!!

(Yasmin Oliveira Hilbert, poema pessoal escrito na oficina de pajubá realizada em Valparaíso de Goiás no dia 14 de outubro de 2023).

O poema que abre esta seção introduz um eu lírico frustrado com a falta de consideração por parte de certos setores da sociedade e como essa sociedade ainda insiste em interferir na vida das pessoas, seja por meio de atitudes transfóbicas ou homofóbicas. A poetisa utiliza o pajubá em grande parte da escrita, com o objetivo de aproximar o leitor de sua identidade, destacando, assim, sua vontade de ser reconhecida como verdadeiramente é.

Dessa forma, nesse primeiro momento, destaca-se a importância de a sociedade fazer uma autoavaliação e incluir a população trans-travestigênero em todas as situações possíveis, ou seja, é por meio da linguagem e da adoção de uma comunicação mais amigável em relação aos grupos sociais oprimidos que essa inclusão será possibilitada. Nessa perspectiva, o respeito pelos pronomes adequados à identidade pessoal, o uso de termos neutros e a incorporação do pajubá permitirão que isso ocorra de maneira eficaz.

Dessarte, com base na pesquisa de Ferreira (2018, p. 185), que demonstra como a escola, devido à censura imposta por certos setores da sociedade, restringe a expressão das mulheres transexuais e travestis, é imprescindível fortalecer as vozes desse grupo social. Nesse contexto, é válido que profissionais da área da educação promovam debates sobre a utilização de uma linguagem inclusiva e neutra, a fim de compreender que sua aplicação nos ambientes educacionais pode efetivamente integrar essa comunidade às escolas.

Nesse contexto, é relevante debater se a implementação de uma linguagem inclusiva é capaz de acolher as mulheres trans e travestis e se será possível proporcionar-lhes um espaço seguro para expressão e afirmação de suas identidades. Além disso, é benéfico compreender que, ao reconhecer e promover a linguagem pajubesca como uma forma autêntica de comunicação para essa comunidade, as escolas teriam a capacidade de valorizar e dar voz a essas pessoas historicamente marginalizadas.

Dessa forma, a linguagem neutra, amplamente utilizada para validar aquelas pessoas que não se enquadram dentro da dicotomia homem/mulher, tem a capacidade de englobar não só esse grupo, mas também toda a sociedade, uma vez que abrange tanto masculinidades quanto feminilidades. Nesse contexto, a linguagem inclusiva, assim como a linguagem neutra, possibilitam a compreensão de qual o pronome mais apropriado para

a pessoa que está ouvindo. Essa abordagem linguística questiona, percebe, compreende e adota, além de se recusar a aceitar qualquer forma de preconceito, para validar as pessoas transgênero e travestis ao se referirem a elas com os pronomes correspondentes ao gênero com o qual se identificam. Isso pode possibilitar uma inclusão efetiva (Elias, 2021, p. 7).

Nesse sentido, como mencionado por Danielle na entrevista, é crucial adotar essa postura, pois ela reconhece a individualidade do ser humano. Quando o oposto ocorre, há diminuição e exclusão da outra pessoa, na tentativa de moldá-la a padrões impostos. Essa postura tende a afastar pessoas trans-travestigênero dos espaços sociais voltados para o cis-heteropatriarcado.

Considero extremamente desnecessário quando alguém vê uma aparência feminina e utiliza pronomes masculinos para se referir à pessoa. Uma vez fui ao mercado e mesmo a operadora de caixa me vendo vestida como mulher, ela utilizou pronomes masculinos para se referir a mim. Eu prontamente lhe informei que poderia processá-la e ainda disse: “Você está ciente disso, não é? Você não está vendo aqui a figura masculina, está?”. Nesse momento, a gerente interveio e pediu desculpas pelo ocorrido. Eu então mencionei: “Por que vocês não promovem uma capacitação sobre esse tema? Orientem seus funcionários sobre como tratar uma mulher trans, pois, o que está presente aqui é uma mulher. Vocês estão vendo uma mulher, não uma figura masculina.” E o pior de tudo foi que a operadora de caixa não se desculpou, quem o fez foi a gerente. “Desculpe, eu sei que ela errou, peço desculpas a você.” Então, eu disse: “amiga, tudo bem, mas marque uma reunião e oriente toda a equipe, entendeu? Porque se uma mulher entrou aqui vestida como mulher, ela é uma mulher. Você não me vê aqui como homem”. Então, ela disse: “mais uma vez, peço desculpas a você”. Eu disse: “não, está bem, só estou lhe dando uma orientação. Porque isso mancha a imagem do estabelecimento. Já imaginou se eu processar?”. (Danielle Caldas, entrevista pessoal concedida no dia 05 de julho de 2023 em Valparaíso de Goiás)

A exposição feita por Danielle revela a falta de empatia da humanidade, que mostra pouco interesse pelo outro e só se preocupa consigo mesma e com as convenções sociais em que a sociedade está inserida. Essa resistência em enxergar o outro como ele é e tratar essa pessoa de acordo com a sua identidade demonstra o desejo da sociedade de reproduzir e preservar um modelo de segregação. No entanto, utilizar o pronome correto não apenas demonstra o respeito que essas pessoas merecem, como também valida a sua existência. Oliveira (2023) aborda esse tema e reforça a importância de validar as pessoas e tratá-las de acordo com as suas identidades. Ações como essas permitem que as pessoas se sintam pertencentes e sejam verdadeiramente incluídas na sociedade, o que possibilita um ambiente mais diverso e plural.

A sociedade está em constante evolução, e parte dessa evolução inclui a compreensão e respeito pelas diversas identidades de gênero. Respeitar os pronomes corretos para pessoas trans é uma demonstração de empatia, inclusão e dignidade. Ao utilizarmos os pronomes adequados, reconhecemos a identidade de cada indivíduo, validamos sua experiência pessoal e desafiamos normas sociais de gênero, criando um ambiente mais acolhedor, onde as

peças transgênero se sentem respeitadas e valorizadas por quem são, promovendo a igualdade e a diversidade. (Oliveira, 2023, p. 23)

O emprego do pronome adequado viabiliza à sociedade a oportunidade de se unir e reconhecer no próximo a sua presença e relevância no mundo. Com esse intuito, a utilização de indicadores do gênero masculino, feminino ou neutro possui a capacidade de abraçar e fomentar espaços igualitários.

No que diz respeito à linguagem neutra, é comum adicionar palavras variáveis que destacam marcas de gênero, como a letra “x”, o “@” ou a letra “e”. Dessa forma, em geral, substituem as terminações nominais marcadas pelas letras “a” ou “o” que indicam a dualidade sexual masculina e feminina presente na humanidade. O uso dessa linguagem visa englobar indivíduos que não se encaixam nessa dualidade, especialmente aqueles que não se identificam como homem ou mulher e transitam entre gêneros de maneira fluída ou não se identificam com nenhum deles, como pessoas que se identificam como *queer* ou não binárias. Portanto, por exemplo, na palavra menino/menina, utiliza-se o termo “menine” para incorporar essas pessoas que não se veem nem se reconhecem como do sexo masculino ou feminino.

Nessa situação, de acordo com Neto e Infante (1998, p. 66), desinências são morfemas que se adicionam ao final das palavras variáveis com o objetivo de expressar suas flexões e podem ser nominais ou verbais. As desinências nominais, que correspondem às palavras que sofrem alterações, indicam gênero (masculino ou feminino) e número (singular ou plural) dos substantivos, adjetivos e alguns pronomes. Nesse sentido, para indicar um gênero neutro, é mais frequente utilizar a letra “e” como desinência nominal de gênero, a fim de abranger todas as pessoas incluídas nesse universo plural e diversificado, em vez de “x” e “@”.

Além disso, quando se reflete sobre a linguagem e a cultura LGBTQIA+, a inclusão linguística transcende a simples utilização dos pronomes com os quais o interlocutor se identifica, uma vez que essa inclusão considera também a cultura e a forma de expressão das pessoas travestis, em consideração ao surgimento do pajubá como uma variante linguística LGBTQIA+ reconhecida atualmente. Dessa forma, ao reconhecer e valorizar essas formas de linguagem e variantes nos diversos contextos sociais, incorpora-se e aprecia-se toda uma população que historicamente foi marginalizada, ao mesmo tempo que se enaltece uma cultura.

Devido à relevância das diferentes formas de linguagem, como o pajubá, o livro **A língua de Eulália**, de Marcos Bagno, expõe, em um dos diálogos entre as personagens,

a existência de um mito na tradição do ensino da língua portuguesa no Brasil, que há muito prejudica seriamente nossa educação, e esse mito é o da unidade linguística do Brasil. Nesse diálogo, a personagem afirma:

aquilo que a gente chama, por comodidade, de português não é um bloco compacto, sólido e firme, mas sim um conjunto de “coisas” aparentadas entre si, mas com algumas diferenças. Essas “coisas” são chamadas variedades. (Bagno, 2006, p. 19)

Por meio da conversa entre as personagens da obra de Bagno, é possível compreender que, no Brasil, não se pode afirmar que existe apenas uma língua. Isso se deve ao fato de que a língua portuguesa varia de acordo com o ambiente ou com cada grupo social. Muitas vezes, palavras utilizadas em uma região específica do país ou por um determinado grupo social não são facilmente compreendidas por outros. No entanto, nota-se que, conforme a região e o grupo social aos quais o falante pertence, aqueles que a ouvem costumam aceitar isso sem grande esforço. Eles perguntam o significado e, frequentemente, incorporam essas palavras em seus próprios contextos.

Nessa situação específica, ao reconhecer essa diversidade e a sua intersecção, é imperativo que todos os termos utilizados, independentemente da sua origem ou do seu autor, sejam incorporados e respeitados. O tratamento de uma pessoa de forma preconceituosa ou discriminatória pela forma como se expressa apenas reforça a falsa ideia de superioridade de quem pratica o ato. É possível ilustrar ainda melhor essa visão da analogia humana ao considerar, na obra citada, os diálogos apresentados por Bagno, nos quais encontramos conceitos que corroboram essa ideia constante:

[...] entre o português falado no Norte-Nordeste do Brasil e o falado no Centro-Sul [...] existem diferenças [...] sintáticas (no modo de organizar as frases, as orações e as partes que as compõem) [...]. Mas a coisa não para por aí. A língua também fica diferente quando é falada por um homem ou por uma mulher, por uma criança ou por um adulto, por uma pessoa alfabetizada ou por uma não-alfabetizada, por uma pessoa de classe alta ou por uma pessoa de classe média ou baixa, por um morador da cidade e por um morador do campo e assim por diante. Temos então, ao lado das variedades geográficas, outros tipos de variedades: de gênero, socioeconômicas, etárias, de nível de instrução, urbanas, rurais etc. (Bagno, 2006, p. 20)

Nesse contexto, tendo em vista a cultura afro-brasileira e LGBTQIA+, a variante pajubá tem as suas raízes na língua iorubá, que é falada em países africanos, tais como a Nigéria, Benim, Togo e Serra Leoa. Embora o iorubá não seja oficialmente reconhecido por essas nações, é amplamente utilizado (Costa; Freitas, 2010, p. 01).

Além disso, tal como muitas línguas nativas nos territórios colonizados, as influências europeias, cristãs e islâmicas tiveram um impacto significativo, alteraram sua forma e relegaram-na à periferia dos países de origem ou até mesmo fora restringida por

meio de leis. É importante ressaltar que a noção social de que qualquer forma linguística não purista é incorreta levou alguns países e regiões a proibir o uso de idiomas diversos, em uma tentativa de preservar certas características culturais (Kroskrity, 2004, p. 499).

No Brasil, o idioma iorubá foi inicialmente utilizado por povos escravizados africanos e se disseminou ao longo do tempo nas religiões de matriz africana, cujos praticantes recorrem a essa língua durante seus rituais, uma vez que suas raízes estão ancoradas na ancestralidade. Entre as primeiras línguas faladas pelas pessoas escravizadas originárias da África no Brasil, o “Nagô ou iorubá foram adotados pelos negros no país como línguas gerais” (Mendonça, 2012, p. 63).

Nesse contexto, as religiões de matriz africana sempre demonstraram uma maior receptividade às pessoas marginalizadas na sociedade, como travestis e mulheres transexuais. Dessa maneira, a participação desse público no candomblé e na umbanda desempenhou um papel crucial na formação de uma variante baseada no iorubá. Essa variante inicialmente despertou interesse para despistar militares envolvidos na ditadura militar brasileira durante a década de 1960. De acordo com Andrade *et al.* (2018, p. 39):

uma das explicações para o parentesco do bajubá com algumas línguas africanas estaria na afinidade das travestis com o candomblé - religião de origem africana, muito receptiva a homossexuais - que teria sido, portanto, uma das fontes de vocabulário.

Ao falar sobre a utilização da variante no cotidiano delas, as entrevistadas explicaram que o pajubá é mais utilizado em ambientes em que as mulheres trans se encontram regularmente. Infelizmente, esses espaços costumam ser casas de acolhimento ou áreas de prostituição. Essa circunstância torna o uso da variante mais frequente e acessível apenas para aqueles que estão inseridos nesses ambientes.

Não se pode menosprezar uma variante linguística como essa, já que estamos falando de língua e língua é utilização. Estar em sala de aula não significa apenas utilizar padrões formais. No entanto, pessoalmente, sinto que utilizo mais essa variante fora do trabalho. Talvez seja por causa da minha própria personalidade e vivências. Precisamos conviver com essa variante para adotá-la. Como mencionei antes, minha transição é recente e tive pouquíssimas oportunidades de conviver cotidianamente com uma travesti, talvez nunca tenha tido essa experiência. Nunca precisei estar em áreas de prostituição para conviver com elas, o que de certa forma limitou minha compreensão dessa variação linguística. Informalmente, costumo usar expressões como “chocada”, embora não saiba ao certo se faz parte dessa variante. Enfim, reconheço que estou um tanto afastada desse dialeto, embora o considere um fenômeno linguístico importante e que merece respeito. (Jade Brandão, entrevista pessoal concedida no dia 29 de junho de 2023 no Riacho Fundo, Distrito Federal)

Conforme afirmado pela professora Jade, o fato de ela ser uma pessoa trans não significa que possui habilidade de utilizar termos pajubescos e isso se deve



principalmente à falta de convivência diária com seus pares. No entanto, mesmo não mantendo contato frequente, ela percebeu, durante sua fala, que possui o hábito de usar essa variante ao lembrar que utiliza a palavra “chocada” em certas ocasiões, especialmente nas mais informais. Isso evidencia que ela utiliza termos do pajubá, embora não estivesse consciente disso anteriormente. Além disso, apesar de não possuir uma apropriação ampla e um vasto repertório linguístico em seu dia a dia, o que ela atribui à sua transição tardia e à distância de travestis e outras pessoas trans, ela ainda assim utiliza alguns termos dessa variante.

Dessa forma, reconhece-se a importância dessa variante, que é descrita como um fenômeno linguístico. A partir dessa afirmação, compreende-se que a falta de familiaridade com o pajubá pode limitar alguém. Daí surge a necessidade de se apropriar de algo que represente a própria cultura, que, segundo Kroskrity (2004, p. 509), foi empurrada para a periferia. Por conseguinte, a variante se tornou menos conhecida entre grupos que vivem em locais próximos ao centro urbano.

A utilização do pajubá por pessoas trans-travestis em ambientes voltados à prostituição deu origem a uma linguagem cheia de vida, que abrange palavras com conotações sexuais e desperta a imaginação. No entanto, muitos desses termos são comuns e podem facilmente ser incorporados ao cotidiano das pessoas. Diante disso, o caráter vibrante dessa forma de comunicação torna compreensível que ela se espalhe facilmente por diversos ambientes sociais.

Nessa perspectiva, quando a entrevistada utiliza o termo chocada, ela expressa sua cultura e dissemina sua existência entre indivíduos de diversos contextos sociais. Diante dessa situação, sua origem no idioma iorubá não a limitou, pelo contrário, o uso dessa variante em diferentes ambientes propiciou a inclusão de muitas outras palavras provenientes de línguas distintas do iorubá. Além disso, alguns desses termos modificaram o significado original ao serem incorporados ao pajubá. Um exemplo disso é a palavra odara, que foi adotada pelo pajubá para representar o órgão genital masculino de maior tamanho e também uma pessoa refinada e bela. Em contrapartida, no iorubá, esse termo possui um sentido completamente diferente, pois se refere a uma pessoa inteligente, animada e alegre (Andrade *et al.*, 2018, p. 44).

Entre as pessoas entrevistadas, Camila afirmou que o uso do pajubá se dissemina de maneira mais fácil entre indivíduos trans e travestis. De fato, os demais membros da comunidade LGBTQIA+ passaram a adotar essa variante somente quando começaram a estreitar sua amizade com pessoas trans.

Há uma quantidade considerável de pessoas homossexuais que convivem com pessoas trans. E essas pessoas homossexuais que convivem com pessoas trans, acabam adotando uma linguagem semelhante a das trans. Alguns membros da comunidade gay não estão familiarizados com esse dialeto específico, você entende? No entanto, aqueles que convivem com mulheres trans estão mais familiarizados com ele. Acredito que as pessoas trans se expressem mais nesse dialeto do que gays e lésbicas. Dentro dessa mesma comunidade, às vezes encontramos gays e lésbicas que não compreendem muito bem o dialeto, mas é raro que uma pessoa trans não o conheça, e os gays que convivem e passam a conviver com trans também acabam o aprendendo. Esse dialeto está mais voltado para as pessoas trans, sejamos francos. (Camila Carvalho, entrevista pessoal concedida no dia 05 de julho de 2023 em Valparaíso de Goiás)

Dessa forma, fica evidente que a convivência entre mulheres trans e travestis em locais mais frequentados por elas torna o uso da variante mais eficiente. Um exemplo disso ocorreu com as egressas da escola, que, ao serem entrevistadas pela primeira vez e questionadas sobre a variante pajubá, inicialmente não sabiam do que se tratava, já que não possuíam um nome específico para designar o conjunto de palavras que utilizavam antes de essas descobrirem o termo exato. No entanto, quando elas souberam que se tratava da linguagem associada aos *gays*, elas imediatamente compreenderam o assunto em questão.

A partir desse momento, elas compilaram uma grande quantidade de palavras que utilizam no cotidiano e declararam que essas palavras se infiltraram em suas vidas de maneira natural, assim que começaram a frequentar mais lugares dedicados a pessoas que não se enquadram nos padrões tradicionais de gênero, especialmente travestis. Nesse sentido, percebe-se que o uso do pajubá é prevalente no universo trans-travesti, mas muitos não sabem como nomear essa variante, pois, por ser informal e difundido apenas fora do contexto escolar, as pessoas que o utilizam acabam dando diferentes nomes a esse grupo de palavras.

De acordo com Andrade *et al.* (2018, p. 37), durante questionamento realizado às pessoas que utilizavam tais termos, diversos nomes surgiram para se referir a essa variante, os quais, diferentemente do nome pajubá, foram adotados com base no contexto da comunidade LGBTQIA+. Dentre as diversas denominações citadas pelas pessoas entrevistadas por Andrade *et al.* (2018, p. 37), destacaram-se os termos bajubá, “linguagem gay”, “linguagem homossexual”, “linguagem própria”, “bixês” ou simplesmente “gíria”, assim como mencionado pelas participantes do estudo, egressas da escola, que foram entrevistadas para esta pesquisa. Além desses termos, durante a pesquisa realizada por Andrade *et al.* (2018, p. 37), alguns entrevistados preferiram não dar um nome específico, enquanto outros afirmaram que essa forma de comunicação é tanto engraçada quanto vulgar.

Dessa forma, a entrada da variante na vida da maioria das entrevistadas e do entrevistado aconteceu principalmente quando essas pessoas começaram a conviver com outras pessoas trans-travesti. Esse foi o caso de Emily, que afirmou que teve seu primeiro contato com a linguagem ao estabelecer amizade com outras travestis. Segundo ela, isso ocorreu inicialmente durante os intervalos e momentos de descontração, quando ela conversava com suas amigas na escola e enquanto se dirigia para casa após as aulas. Essa experiência, como mencionado, foi especialmente significativa quando ela começou a estreitar laços de amizade com travestis mais velhas do que ela.

Em minha trajetória, o pajubá surgiu de forma semelhante, também no ambiente escolar, digamos, quando adentrei na escola, na época da adolescência, na quinta série. Naquela ocasião, já havia construído amizades com travestis mais experientes do que eu, mesmo sendo ainda uma adolescente enquanto elas já haviam alcançado a fase adulta. Essas relações de amizade me proporcionaram, de certa forma, um aprendizado constante. Desse modo, acabou se tornando também uma forma de proteção dentro da escola, pois lá também estavam presentes aquelas que, digamos, escondiam sua verdadeira identidade, mas eu, ao contrário, sempre me mantive autêntica. (Emily Martinelly, entrevista pessoal concedida no dia 15 de julho de 2023 em Valparaíso de Goiás)

Além do idioma iorubá, a variante pajubá adotou termos de outras línguas para a sua formação. Nesse sentido, ao longo da sua existência, durante e após a época da ditadura militar, a variante passou por constantes atualizações. Ela incorporou diversas palavras, como “*shippar*”, derivada do inglês “*relationship*”, que significa relacionamento.

Devido à importância das variantes linguísticas, como o pajubá, observa-se que, na tradição do ensino da língua portuguesa no Brasil, existe um mito que tem causado danos significativos à nossa educação, que é a crença na unidade linguística do país. O que normalmente chamamos, por conveniência, de português não é um bloco sólido e indivisível, mas, sim, um conjunto de elementos relacionados, porém com algumas diferenças. Esses elementos são conhecidos como variedades linguísticas (Bago, 2006, p. 173).

Nesse contexto, pode-se compreender que no Brasil não se pode afirmar simplesmente a existência de uma única língua, uma vez que até mesmo o português, uma vez influenciado pelo ambiente e pelos diferentes grupos sociais, acaba por variar. Isso é exemplificado pelo pajubá, que foi incorporado ao português pelas travestis.

A professora Edu exemplifica essa utilização em ambientes em que predominam as travestis. Ela menciona que faz bastante uso dessa variante, porém isso ocorre de forma mais frequente quando está em contato com pessoas trans-travestigênero ou com

indivíduos *gays*, lésbicas ou bissexuais. De acordo com ela, a sensação de estar em um ambiente seguro e entre seus pares torna o espaço mais agradável, o que facilita a fluência dos termos pajubescos de forma natural.

No âmbito social, eu uso bastante, principalmente quando estou em ambientes nos quais me sinto representada. Assim, quando estou com outras mulheres trans, travestis, e também com homens gays, utilizamos essa linguagem como forma de identificação coletiva. Algumas pessoas, que são mais da minha época, compreendem melhor do que essa nova geração que entende apenas algumas coisas, mas estamos aqui para ajudar nessa questão. Falamos coisas como: “aquenda, neca, nena” e outras expressões como “alibã”, que significa policial, ou “papapum”, que é um termo para revólver. Enfim, existem muitas outras palavras e expressões que utilizamos. (Edu Silva, entrevista pessoal concedida no dia 07 de junho de 2023 no Guará, Distrito Federal)

Na fala da Professora Edu, fica claro que o uso do pajubá entre pessoas LGBTQIA+ é essencial para a fluência no seu uso. Portanto, quando está em companhia de seus iguais, é natural que ela se permita expressar e usar sua identidade de forma mais plena. Como resultado, a língua portuguesa se entrelaça com as palavras provenientes dessa variante, enriquecendo, assim, a comunicação cotidiana nos diversos ambientes trans-travestis. A combinação do português com essa variante resulta em frases, textos e períodos muito mais cativantes.

Consequentemente, a prática linguística evidenciada por meio da fala da professora Edu foi de extrema importância para a incorporação do pajubá à língua portuguesa. Isso resultou em um uso constante da alternância de código linguístico pelos usuários desse dialeto, conhecido como *code-switching*. Esse tipo de discurso misto, conforme descrito por Romaine (2000, p. 57), exemplifica-se pela frase “eu comecei a *shippar* aquele casal”, que combina o português com o pajubá.

Romaine (2000, p. 57) ressalta que os grupos sociais que recorrem ao *code-switching* são frequentemente alvo de estigmatização em relação aos demais. Entretanto, é importante enfatizar que o uso dessa prática não ocorre de forma aleatória e, em sua maioria, possui uma função necessária dentro da comunidade de fala na qual esse formato de transmissão de código é adotado.

Adicionalmente, Pimenta, Melo e Martins (2018, p. 145) argumentam que há uma notável intolerância em relação às religiões de origem africana, com a justificativa de que essas religiões são, em sua maioria, lideradas por indivíduos negros, que também enfrentam outras formas de discriminação. No entanto, a religião, por sua natureza compreensiva e acolhedora, é a que mais inclui pessoas negras, brancas, LGBTQIA+ e heterossexuais. Segundo Martins (2018, p. 111),

desde o início da escravidão, africanos de distintas origens étnicas uniram-se para realizar cultos religiosos e rituais mágicos que dariam origem ao candomblé. [...] essa denominação origina-se do termo Kandombile (culto e oração). [...] Proibido pelas autoridades civis e religiosas, sua prática tornou-se oculta, provocando aumento no preconceito em relação a ele.

No que diz respeito à visão das religiões de matriz africana na sociedade, Leistner e Aguiar (2020, p.121) corroboram as observações de Martins (2018, p.111) ao afirmar que essas religiões são muitas vezes consideradas subalternas. Segundo os autores, essa percepção desfavorável é compartilhada por outras religiões, que as veem dessa forma devido ao contexto em que se encontram. Os autores explicam que:

[...] formas religiosas como a umbanda e as demais denominações afro-brasileiras adquiriram o status mais residual desse mesmo segmento popular, podendo ser concebidas como as formas religiosas mais periféricas e subalternas no que compreende a constituição do campo religioso brasileiro, configurando-se como último reduto e espaço simbólico de recepção do preconceito, da repressão e da intolerância religiosa na sociedade brasileira. [...] as religiões de matriz africana passaram a ser vítimas e alvo de todas (Leistner e Aguiar, 2020, p.121).

Em meio a essa realidade, indivíduos homossexuais e transexuais têm sido alvo de preconceito desde que religiões inspiradas na bíblia começaram a ganhar predominância global. Isso resultou no distanciamento e na rejeição por parte da sociedade em relação a tudo que é associado a esse grupo. Como resultado, essas pessoas, ao enfrentarem essa segregação, afastaram-se da sociedade de forma obrigatória.

Ainda é preciso evidenciar que o bajubá é uma linguagem com origem nos terreiros das religiões afro-brasileiras e a hegemonia cristã no Brasil tem impactado também essas religiões numa espécie de ‘batalha religiosa’, em que o que está em jogo são as mediações mágicas e o transe religioso, como também a quebradas noções entre sagrado e profano, masculino e feminino vivenciada nas religiões afro-brasileiras. (Araújo, 2020, p. 69)

Esses códigos verbais têm origem no iorubá, mas também têm influência de troncos linguísticos, outras línguas e variantes, como o banto, o tupi, o inglês, o francês e até mesmo o próprio português. No entanto, a conexão das travestis da década de 1960 com as religiões de matriz africana foi essencial para a criação dessa variante e para sua permanência na sociedade. Portanto, esse fato ressalta a importância do conceito de interseccionalidade, que, de acordo com Mello e Gonçalves (2010, p. 3), é “uma categoria analítica que permite a leitura do social a partir das múltiplas opressões que atravessam a existência singular de cada pessoa, em todos os contextos sociais”, ou seja, é um termo sociológico que se refere às interações e aos marcadores sociais dos grupos socialmente oprimidos, considerando as distintas experiências vivenciadas por essas pessoas.

Nesse cenário, ao ilustrar e contrastar as origens das palavras empregadas no pajubá, pode-se notar que sua origem lexical resultará em termos que evocam significados

muito semelhantes aos utilizados pelos usuários dessa variante. No entanto, nem todas podem ser traduzidas de maneira literal, uma vez que, apesar de possuírem uma conotação específica nessa variante, em seu contexto de origem, seu sentido poderá ser completamente distinto.

Um exemplo disso é a palavra “mona”, que tem diferentes significados em dois dialetos africanos. No pajubá, refere-se à palavra “mulher”, enquanto, no iorubá, é um termo que significa “desafio” ou “rebeldia” e é sempre colocado no final da frase. Por exemplo, a frase em iorubá “olú ú monáque” traduzida para o português significa “eu bati nele e o farei novamente”, remetendo à ideia de rebeldia. No tronco linguístico banto, também se utiliza o mesmo termo, mas o seu significado é mais próximo ao usado na variante anterior. Ao traduzirmos o termo banto para o português, encontramos a palavra “mocinha”, que é usada para se referir a crianças do sexo feminino (Andrade *et al.*, 2018, p. 44).

Vale evidenciar que o banto não é um grupo étnico, mas, sim, uma família linguística que, segundo Figueiredo (2019, p. 142), teve esse nome designado pelo alemão W. H. I. Bleek “para se referir a um enorme conjunto de idiomas inter-relacionados falados na maior parte da África subsaariana”. É importante ressaltar que a influência dos idiomas banto no Brasil e sua contribuição para o desenvolvimento da variante pajubá têm origem semelhante à do iorubá. Isso se deve ao fato de que o banto, assim como o iorubá, é amplamente empregado nas religiões de matriz africana, a partir da influência significativa sobre o vocabulário que se utiliza durante os rituais sagrados dessas religiões, que também são inclusivas com mulheres transgênero e travestis.

Apesar de muitas palavras adotadas pela variante linguística terem suas raízes em línguas africanas, como já foi explicado, algumas delas têm diferentes origens. Um exemplo disso é a palavra “picumã”, que tem suas origens em línguas tupi e significa tanto fuligem quanto cabelo crespo e frisado nesse tronco linguístico, enquanto, no pajubá, se refere a cabelo ou peruca (Andrade *et al.*, 2018, p. 44). Destaca-se que o tupi é um termo que se refere a um tronco linguístico que origina um conjunto de famílias linguísticas provenientes dos povos indígenas. Nessa perspectiva, o tupi, que engloba de dez a doze famílias linguísticas, por ser um tronco linguístico, “corresponde a uma classe genética mais ampla e com uma maior profundidade temporal” (Rodrigues, 2005, p. 35).

A origem tupi da palavra “picumã”, assim como outras utilizadas no pajubá, não podem ser explicadas com total precisão. Porém, com base no contexto em que as travestis viviam naquela época, é possível perceber que houve uma cuidadosa pesquisa

de vários termos que compõem essa variante. Sabe-se apenas que essa incorporação ocorreu devido à experiência nas religiões de matrizes africanas, o que explica os termos com essa origem. No entanto, ainda não se tem explicação plausível para a inclusão de termos indígenas no pajubá, como o já mencionado picumã (Andrade *et al.*, 2018, p. 44).

De acordo com Gnerre (1991, p. 8), os cidadãos são discriminados desde a base do próprio código em que a lei é escrita, mesmo que sejam declarados iguais perante a lei. Embora a experiência de cada indivíduo inclua a discriminação com base na maneira como falam, é essencial que o sistema ponha em prática a igualdade pregada, a fim de valorizar a diversidade linguística e cultural do indivíduo, para manter uma sociedade expressiva e dinâmica.

Diante dessa situação, ao tomar consciência dessa diversidade e de suas interconexões, é imprescindível que sejam incorporados e respeitados minimamente quaisquer termos utilizados, independentemente de sua origem e de quem os empregue, para que não se fortaleça a ideia de uma língua dominante e uma língua subalterna (Romaine, 2000, p. 54).

Segundo Lima (2017, p. 24), o pajubá possui o poder de não apenas ser um conjunto de palavras, mas também de ser uma forma de expressão que acaba por estabelecer gêneros diversos. Nesse contexto, notabiliza-se o conhecimento sobre a linguagem inclusiva e, conseqüentemente, sobre as variantes linguísticas nas escolas, a fim de agregar e dar voz aos adolescentes, familiares e professores trans e travestis.

### **3.2. A variante salva-vidas re(ex)sistindo**

Ei, Alice! Chega perto, quero te contar um babado...  
Encontro-me bi-confusa, pois sinto-me cacurucaia,  
Passei anos da minha vida em busca de parecer phyna  
Usava uma máscara zen-bundista  
E dispensava momentos com a minha uma thurman

É... mas o tempo se esvai  
E as aquendações perdem o sentido;  
Então, minha querida culé...  
Por vestígios de malassombro  
Perdi fragmentos de calorosos hypes

Com tantas abstenções, não descolei  
Na verdade, entrei em posição de pêra...  
Lamentavelmente, demorei para cair na real  
E percebi que, de fato, estava me tornando matusalém  
Enquanto buscava míseros putos para extravasar

Mediante as características de jamanta  
Outro dia deito-me, ao relento, em meu travesseiro de pluma de gansos  
E após dialogar com o meu reflexo no espelho  
Sobre as inquietações de minha doce alma envelhecida e disléxica  
Adormeço e sonho... com as oportunidades que se extraviaram.

(Alyne Araújo Franco, poema pessoal escrito na oficina de pajubá realizada  
em Valparaíso de Goiás no dia 14 de outubro de 2023).

O poema que abre esta seção ilustra a vida de um eu-lírico que, ao se perceber adulto, olha para trás e reconhece a quantidade de coisas que deixou escapar e deixou de experimentar devido às normas sociais e ao receio de ser verdadeiro consigo mesma. No texto, ele expressa remorso por ter evitado tantas oportunidades que poderia ter vivido. Essa situação o leva a refletir sobre as coisas que perdeu ao longo do tempo. No entanto, os versos deixam claro que ela é uma pessoa experiente e que, de alguma forma, conseguiu preservar sua vida e, embora reconheça ter perdido oportunidades irrecuperáveis, sua existência é validada pelo uso do pajubá, uma variante que ela utiliza para expressar seu completo descontentamento e admitir sua existência.

Isso demonstra que a experiência de vida dela, com uma linguagem peculiar, foi capaz de protegê-la e permitir que ela enfrentasse as crises típicas de alguém na meia-idade. No entanto, uma vez que não temos informações concretas sobre a história pessoal do eu-lírico, não podemos afirmar se essa crise revela um passado doloroso ou não. Nesse sentido, não cabe aqui fazer essa análise, mas apenas reconhecer que o uso do pajubá provavelmente contribuiu para sua individualidade.

Assim sendo, o poema se aproxima da experiência travesti durante o regime militar e suas constantes batalhas que marcaram o pajubá. Desse modo, essas mulheres, algumas sobreviventes, como Jovanna Baby, e tantas outras que faleceram devido ao preconceito e à opressão daquela sombria época vivida pela sociedade brasileira, repletas de recordações, veem o pajubá como uma linguagem secreta capaz de resgatá-las e



garantir sua sobrevivência nesse mundo. Nesse sentido, para contextualizar as experiências travesti desse período, é fundamental ressaltar, como mencionado na seção anterior, que o pajubá foi desenvolvido por travestis nas décadas de 1960 e 1980 como meio de trabalho e comunicação nos espaços em que estivessem presentes.

Nessa acepção, além de permitir a comunicação, a língua também teve um papel crucial na salvaguarda de vidas. Dada a dificuldade de compreensão da variante, travestis conseguiram trabalhar e encontrar sustento, escapando de policiais, autoridades políticas e admiradores do Regime Militar. Foi ao sobreviver nas ruas e atrair clientes, que essas pessoas desenvolveram o pajubá — uma variante linguística — como uma forma de despistar homens que perpetuamente causavam violência, prisões e assassinatos contra corpos travestis e transexuais por serem como são. Mesmo nos dias atuais, essas pessoas são obrigadas a se submeter a essa situação para garantir sua subsistência. De acordo com Lima (2017, p. 58), essa afirmação é confirmada quando ele menciona que as travestis passaram a adotar essa língua durante o período da ditadura como uma estratégia para contornar a repressão policial e evitar serem identificadas quando estivessem próximas de pessoas indesejáveis.

Nesse contexto, as pessoas travestis desenvolveram o pajubá com o intuito de se comunicarem através de um código que apenas elas conseguissem entender, para manterem o diálogo durante suas abordagens nas ruas em busca de possíveis clientes para serviços sexuais, sem correrem o risco de sofrerem violência física, serem presas ou até mesmo mortas. Essa linguagem secreta das pessoas travestis as protegia principalmente quando não eram compreendidas ao utilizar essa variante linguística, isso permitia que pudessem se expressar sem preocupações. A eficácia do pajubá foi alcançada por meio da combinação do iorubá com um português informal. Essa atitude proporcionou uma linguagem incompreensível, o que lhes permitiu falar sem serem rejeitadas por isso (Silva, 2022, p. 2). De acordo com essa perspectiva, Araujo (2018, p. 53) relata que, na introdução do livro **Diálogo de Bonecas**, um dos primeiros dicionários do dialeto pajubá desenvolvido no Brasil, a autora Jovanna Cardoso da Silva deixa evidente que a utilização dessa linguagem teve como objetivo proteger o grupo diante das dificuldades enfrentadas em decorrência do contexto histórico. Emily reforçou, em uma entrevista, essa característica da variante, que foi fundamental para que as travestis sobrevivessem às situações de intenso preconceito desde o início do período ditatorial no Brasil, como mencionado anteriormente.

Eu utilizava o pajubá também como forma de me proteger, até mesmo na escola, pois era uma língua que me ajudou muito a me expressar no meio da sociedade como uma defesa. Às vezes, me tirava de determinadas situações de violência. “Mana, acuenda, mana, debanda, vamos embora”. Entendeu? Tipo assim, quando você percebe que vai acontecer uma briga, você diz: “mana, mana, debanda, debanda, debanda”. Então, ela ajudava muitas pessoas naquela época. Hoje em dia, nem tanto, porque muitas pessoas já conhecem. Antes, era uma língua secreta, mas atualmente já não é mais. Infelizmente, estão ensinando-a até para os héteros. Então, ela é mais uma forma de defesa. Eu utilizava essa língua como uma forma de me comunicar com os outros. Na sala de aula, em festas, no dia a dia. (Emily Martinelly, entrevista pessoal concedida no dia 15 de julho de 2023 em Valparaíso de Goiás)

Emily ilustrou exatamente o aspecto da variante que foi criada e continua com o objetivo de proteger as pessoas trans e travestis em situações embaraçosas e complexas. Assim, é importante destacar o contexto histórico que impulsionou a criação do pajubá. Esse período, conhecido como ditadura militar, pode ser classificado como um dos mais obscuros na história do Brasil e ocorreu entre as décadas de 1960 e 1980. Durante essa época, o país foi dominado por uma intensa tentativa da burguesia de assumir o poder político para favorecer seus próprios interesses. Para fortalecer suas preferências, essa camada social aliou-se aos interesses de outros grupos sociais privilegiados, utilizando-os como massa de manobra para alcançar o golpe de Estado desejado.

Desse modo, os interesses predominantes foram os da população masculina, heterossexual, europeia, norte-americana e cristã, que são valorizados em detrimento dos demais grupos sociais. Por conseguinte, tanto as travestis como a população feminina, negra e LGBTQIA+ foram alvo dessas alianças responsáveis pelo maior declínio da democracia brasileira.

Esse processo teve um papel crucial na ocorrência de um dos maiores retrocessos em termos de políticas sociais. Dessa forma, as classes populares perderam os avanços alcançados, pois não contavam mais com o apoio de figuras influentes, como Paulo Freire, Anísio Teixeira e outros intelectuais. Isso gerou uma paralisação e um retrocesso no país que perdurou por vinte anos.

Essas atitudes proporcionaram uma repressão à comunidade trans-travesti naquela época, que, assim como nos dias de hoje, eram percebidas como indivíduos anormais e excluídos da sociedade. No entanto, devido à falta de direitos, essa população não tinha voz. Consequentemente, travestis e outras pessoas LGBTQIA+ foram severamente perseguidas e aniquiladas.

Além disso, devido à falta de estudos aprofundados sobre a repressão policial contra pessoas travestis durante o período da ditadura, é impossível medir a quantidade de vidas perdidas nesse período. Entre 1964 e 1985, a travestilidade e outras identidades

que se enquadram na ampla esfera da transgeneridade eram compreendidas apenas sob a perspectiva da homossexualidade (Tavares, 2018, p. 30).

Nesse sentido, com base no contexto geral da época, as travestis eram classificadas como homossexuais, enquanto sua identidade de gênero passava despercebida. Isso implica que, apesar de elas serem mulheres e não ocuparem espaços tradicionalmente masculinos, sua identidade biológica determinava como eram percebidas. Conforme Oliveira (2010, p. 20), foi apenas por volta de 1979 que o conceito de identidade de gênero, no contexto de transgeneridade, começou a ser discutido na academia. A partir desse momento, essa temática foi gradualmente sendo difundida tanto no meio acadêmico quanto, aos poucos, na sociedade, ganhando maior visibilidade apenas nos últimos anos da década de 2000.

Devido a isso, uma vez que o termo ainda não era amplamente reconhecido nem pela academia nem pela sociedade da época, as pessoas transgênero não recebiam o devido reconhecimento, sendo, em vez disso, consideradas cisgênero. Isso sugere que a sociedade ainda não pressupunha a identidade de gênero delas, apenas sua orientação sexual, independentemente se sua atração fosse por homens ou mulheres. Mesmo com sua vestimenta, expressões e comportamentos, que claramente evidenciavam sua feminilidade, eram ainda vistas pelos militares e pela população da época de forma distinta do que realmente eram.

A visão sexista, transfóbica e conservadora fez com que as ações policiais se tornassem ainda mais covardes do que antes. Isso levou as travestis a se unirem e formarem comunidades para estudar estratégias que lhes permitissem sobreviver e se sustentar. Naquela época, essa população não tinha outra opção além da prostituição para viver e ganhar dinheiro. Os serviços sexuais eram a única maneira dessas pessoas obterem dinheiro e alimento, já que não tinham permissão para ocupar outros espaços além dos marginalizados.

Silva (2021, p. 18) relata que as travestis daquela época não tinham permissão para circular livremente pelas ruas, principalmente durante o dia, sem ser alvo de zombarias. À noite, elas sofriam constantes batidas policiais, além de serem alvo de violentas diligências. Silva (2021) conta que, em 1979, chegou a ser detida simplesmente por querer ir ao cinema da cidade onde morava.

Embora, eu estivesse cerceada de meu direito de ir e vir, por ser amante de filmes, em fevereiro de 1979, decidi ir ao Cinema Santa Cecília, localizada no Parque Moscoso, uma área de concentração de prostitutas no centro de Vitória. Ainda na fila do cinema fui detida pela polícia capixaba simplesmente pelo

fato de ser travesti. Minha presença naquele espaço era uma afronta aos “bons costumes”. Ser travesti era sinônimo de vadiagem, não por acaso erámos enquadradas no artigo 59 da Lei 3.688 de 1941, popularmente conhecida como “Lei da Vadiagem”. (Silva, 2021, p. 18)

Nesse contexto, por meio da publicação do Decreto-lei n.º 3.688/1941, os militares visavam afastar de maneira violenta as travestis dos ambientes sociais. Conforme as especificações do documento, aqueles que, mesmo com condições físicas, optassem por viver ociosamente, ainda que sem meios de subsistência, poderiam ser punidos com prisão de quinze dias a três meses. Além disso, também seriam passíveis de punição aqueles que conseguissem se sustentar por meio de atividades ilícitas (Brasil, 1941).

Diante dessa situação, as travestis eram constantemente julgadas com base em sua aparência e na atividade que exerciam. Consequentemente, ao viverem nas ruas, enfrentavam retaliações e maus-tratos incessantes. Além disso, eram capturadas pelos militares à força e detidas.

Essas ações reforçavam o estereótipo comum da época, que chamava as travestis de bonecas. Esse apelido era reforçado quando homens, inclusive militares, se sentiam atraídos por elas e as utilizavam, mas depois as tratavam com violência, machucavam-nas e até mesmo as levavam à prisão. Nessa perspectiva, de acordo com Ferrareze (2015, p. 15), o termo “boneca” era utilizado para descrever o ato de usar e depois descartar as travestis, quando os homens se entediavam com elas.

Ferrareze (2015, p. 15) apresenta três significados para o termo “boneca”, que, segundo ele, fazem referência à identidade trans e à maneira como a sociedade as enxerga. O primeiro significado, segundo o autor, é o utilizado pelos dicionários, que descrevem boneca como um brinquedo com formato e expressão baseados em corpos femininos, independentemente se esses corpos são considerados como padrão ou não. Sendo assim, o autor esclarece que, de acordo com a percepção geral das travestis, elas são comparadas a bonecas porque, para elas:

II - Ligando o segundo sentido ao primeiro, as mesmas expressam que, por serem vistas como bonecas e, sendo estas, na visão das pessoas, um brinquedo, tanto travestis como transexuais, para alguns homens, são vistas e tidas como descartáveis, ou seja, usam, “brincam” e quando enjoados, as descartam ou as dispensam; III – Ainda há aquelas que defendem o lado negativo do ser boneca, ligando os dois primeiros sentidos a este. Uma boneca – o brinquedo de diversas crianças – nada mais é do que um pedaço de plástico com roupas e formas, maquiagem e adereços femininos ou em formato de pano, também com adereços e formas femininas e com cabeça de plástico, porém, ambas as formas de bonecas não possuem coração, sentimentos e reações. Podemos brincar com uma boneca, cortar seus cabelos, bater, chutar ou pisar, mas estas nada sentiriam, pois não expressam vida. Sendo assim, tais pessoas, ao serem

denominadas como bonecas, dizem que, os homens que se relacionam com as mesmas, as tratam dessa forma, como um objeto que não possui sentimento ou coração, logo, sendo descartáveis. No entanto, as travestis e transexuais pretendem ficar com o segundo sentido da palavra boneca apresentada no dicionário, o sentido que as traz vida e força para continuarem sendo o que são, moças atraentes e bonitas. (Ferrareze, 2015, p. 15)

Nesse sentido, as travestis que sobreviveram à ditadura militar se uniram e encontraram argumentos para se sentirem valorizadas, mesmo quando são vistas pela sociedade como brinquedos descartáveis. Assim, surgem estratégias para se livrarem de incômodos e protegerem-se. Foi nesse contexto que se criou o pajubá, chamado por Jovanna Baby de “Diálogo das Bonecas” em seu dicionário pajubesco (Silva, 2021, p. 35). Essa linguagem e outras formas de defesa, como o uso de giletes na boca para afugentar militares, foram fundamentais para que as travestis pudessem permanecer nas ruas sem serem atacadas. O primeiro método permitia a comunicação sem chamar a atenção, enquanto o segundo, bastante drástico, era utilizado apenas em último caso para afastar policiais que tentassem prendê-las.

Devido ao receio de contrair o vírus HIV, os policiais optavam por se afastar, já que esse vírus foi erroneamente associado à doença *gay* nas décadas de 1970 e 1980. Essa atitude era motivada pelo preconceito enraizado e pelo medo de serem contaminados.

Em paralelo, o pajubá surgiu como uma forma afiada de resistência que mantinha os militares distantes. Por esse motivo, essa variante linguística é considerada uma forma de enfrentamento e foi fundamental para a sobrevivência de muitas pessoas. Emily recordou o caminho percorrido pela linguagem desde a sua criação e o significado que ela tinha para as travestis durante o período militar.

No entanto, apenas a título de ilustração, antigamente era mais complicado familiarizar-se com essas línguas. Desse jeito, para você aprender o pajubá, era necessário ter uma conexão profunda com as travestis antigas. Elas usavam o pajubá como uma forma de comunicação que elas mesmas criaram, durante a ditadura, como resposta à violência policial daquela época. Era uma maneira delas se comunicarem e se protegerem de certas situações. Eu também me lembro de várias vezes, na minha época, quando ainda havia um pouco de repressão nas ruas. Cheguei a enfrentar momentos em que a polícia nos perseguia. O método que usávamos para escapar era falando em pajubá. “Acuenda o alibã. Revoa, revoa, levanta. O alibã, alibã.” Assim, quando ouvia essa expressão, sabia que a utilizávamos porque a polícia desconhecia o nosso pajubá. Dessa forma, utilizávamos bastante isso para escapar de certas situações. Foi uma jornada difícil para eu aprender o pajubá. Foi necessário ganhar a confiança das travestis mais antigas, pois foi delas que o pajubá surgiu. (Emily Martinelly, entrevista pessoal concedida no dia 15 de julho de 2023 em Valparaíso de Goiás, Goiás)

De acordo com Araujo (2020, p. 151), conforme o relato de Emily, o pajubá possui a potência das ruas, sua essência emerge das batalhas diárias que as travestis precisavam enfrentar para sobreviver e, por essa razão, a comparação da linguagem a uma navalha

que afasta o opressor faz sentido, porque, assim como a arma física, isso as protege e as resguarda.

Durante a entrevista, Camila corroborou o caráter protetor e secreto do pajubá ao afirmar que tem o costume de utilizá-lo em espaços públicos para que as pessoas ao redor não compreendam o conteúdo da conversa. Além disso, ela ressaltou que a linguagem é adquirida por meio da convivência com pessoas que já a dominam. Geralmente, essas pessoas, conhecidas por ela como “bichas velhas”, são travestis ou membros da comunidade LGBTQIA+ mais experientes e que já têm uma sólida familiaridade com o uso da variante.

É sobre convivência. Quando você se familiariza com as “bichas velhas”, começa a observar e, assim, inicia as conversas. Com o tempo, você se vê numa situação em que não consegue parar de falar sobre o assunto. Você está no meio da rua e precisa conversar no dialeto. Às vezes, você quer compartilhar algo que aconteceu no ônibus, um segredo ou qualquer coisa do tipo, então você vai aprendendo aos poucos. É como alguém que vai para outro país sem saber o idioma e, ao voltar, aprende a falar tudo. (Camila Carvalho, entrevista pessoal concedida no dia 05 de julho de 2023 em Valparaíso de Goiás)

Seguindo as palavras de Camila, a linguagem foi planejada e desenvolvida nas ruas com a finalidade exclusiva de manter a comunicação. Isso resultou na criação de termos que expressavam a luta contra a polícia, agentes conhecidos no pajubá como “alibãs”.

De acordo com Araújo (2020, p. 141), a falta de uma “sistematização da escrita” da variante é consequência de as travestis terem sido excluídas dos espaços educacionais formais. Como resultado, elas tiveram de criar termos sem uma estrutura ortográfica e gramatical inicial. No entanto, isso não foi capaz de prejudicar a fluidez da variante, que, por sua natureza combativa, aproxima a linguagem de todas as classes. Assim, a linguagem, como afirmou Araújo (2020, p. 141), possui fortes características de gênero e classe.

Além disso, o pajubá era confirmado como uma maneira de afastar os policiais, já que o uso da variante durante a conversa das travestis era considerado como um equívoco na língua portuguesa. Isso, por não violar a lei, não incentivava os alibãs a atacarem, principalmente porque eles não compreendiam a linguagem e, devido à falta de compreensão, não se sentiam impulsionados a empregarem a força.

Na perspectiva dos policiais, o uso do bajubá seria uma contravenção. “Falar errado”, em princípio, não seria motivação para ação policial. O erro parece estar em outro lugar: ao usarem o dialeto, as travestis interrompiam o circuito discursivo, deslocavam os policiais para o lugar do não saber e, nessa relação, deslocava-se também o poder que só seria “devolvido” ao legítimo mediante o

uso da força. O segredo contido em não permitir saber parece manter o potencial de reinvenção do pajubá. (Araujo, 2020, p. 144)

Dessa maneira, o uso da língua e a contínua evolução de seus termos permitiram que elas se protegessem. Nesse dias atuais, o pajubá, devido à sua ampla divulgação e adoção no contexto LGBTQIA+, mantém a capacidade de preservar vidas, pois, mesmo sendo amplamente conhecido, ainda possui poder significativo.

Danielle ressaltou o quanto o pajubá continua sendo útil e ajuda travestis e mulheres trans. Segundo ela, essa variante foi amplamente utilizada quando ela fornecia serviços sexuais e, na companhia de outras amigas, elas se comunicavam com o objetivo de evitar que os clientes entendessem o que falavam. Isso servia para alertar as outras para ficarem atentas quando uma delas saía com alguém suspeito e avisar para onde estavam indo. Além disso, também servia como forma de diversão e comunicação livre, sem o medo de serem incomodadas ou repreendidas por isso.

Quando costumava “fazer a puta” no Setor Comercial Sul, utilizava essa linguagem para evitar que alguém percebesse o que dizíamos. Utilizávamos essa forma de expressão com frequência. Foi assim que gradualmente se tornou comum. E agora, sempre que estamos em um ambiente onde nos sentimos à vontade para conversar, utilizamos essa linguagem. Por exemplo, suponha que saímos juntos e queremos dizer algo em particular; eu lhe contaria em pajubá e explicaria o significado. (Danielle Caldas, entrevista pessoal concedida no dia 05 de julho de 2023 em Valparaíso de Goiás, Goiás)

A partir da fala de Danielle, nota-se que a variante continua viva e, além disso, ela não para de se reinventar, visto que diariamente novas palavras são adicionadas à língua. Isso confirma sua natureza secreta e a necessidade de seu uso para preservar e manter a vivacidade, a subsistência e a identidade trans-travesti. Durante a entrevista, Camila confirmou essa dinamicidade do pajubá. Segundo ela, a variante “possui muitas palavras, é praticamente um dicionário”. Para ela, “novas palavras sempre surgirão”.

Essa constante reinvenção explica por que uma única palavra em português é traduzida em uma quantidade significativa de termos em pajubá que expressam a mesma coisa. Um exemplo disso é o termo “homem homossexual”, que pode ser definido em pajubá, como o atual “yag”, ou seja, os termos são intercambiáveis e podem ser substituídos no pajubá pelas seguintes palavras:

gay, baitola, bambi, bee, beesha, bi, biba, bicha, bill, biltra, bilu, boiola, cheine, culeiro, entendido, fonóque, frango, fresco, fruta, frutinha, gersina, goiaba, greta, homiceta, homigina, laleska, lhushca, mancha, mona, mônica, paneleiro, peixe, poc-poc, potira, puto, quaquá, qualira, tata, viado, xinbungo. (Vip e Libi, 2006, p. 65)

A profusão de termos usados para descrever um homem homossexual exemplifica a natureza fluida do pajubá e a sua necessidade de se aproximar do oculto e do secreto.

Essa maneira notável de expressar uma palavra também é influenciada pelo contexto em que o lexema é utilizado, pois o pajubá pode ser usado para ridicularizar a sociedade transfóbica e fazê-la se tornar ouvinte. O uso de palavras pajubescas frequentemente acrescenta um tom zombeteiro, com o objetivo de incomodar o cis-heteropatriarcado, que há muito tempo humilha e silencia as pessoas trans-travestigênero brasileiras.

Dessa forma, quando alguém tenta difamar uma travesti, utilizando termos como “bicha”, mas, ao invés de se ofender, essa pessoa abraça esses termos como parte de sua identidade, como “mona” e “amapô”, ela transforma essas palavras, que são amplamente conhecidas como formas de diminuir aqueles que não se enquadram nos padrões de gênero tradicionais. A partir dessa ação, é a própria sociedade machista que vira alvo de ridicularização, uma vez que utilizava essas palavras para zombar, mas, com a apropriação e a criação do pajubá, ela se torna o sujeito de escárnio.

Perante essa afirmação, o pajubá passa a ser motivo de protesto, uma ferramenta política capaz de tornar um grupo inteiro conhecido socialmente e um contraponto significativo a essa massa social machista, puritana e raivosa.

O poema de Dayse Bernardo, também criado durante a oficina de linguagem e escrita pajubesa, reflete exatamente esse tom humorístico, revelador e capaz de ridicularizar o narcisismo cis-heteropatriarcal.

No mundo de Alice

Toda bi é feliz...

Plena... Será?

Presente!

Em todos os lugares,

De todas as formas,

Por todas as cores...

Cercada pelas Anas Claudias,

Bofes, machorras

Barbies e Wonder womens da vida...

Ah, que importa!

Todos os dias

Monas e moçonas

Saem do ilê,



Trabalhadas no picumã,  
Prontas a se jogar  
No sofá da Hebe,  
Abalando geral,  
Dispostas a azarar...  
E o aqué e a biritá à vontade... Sempre!  
... Toda Débora Kerr!

Mas se uma alma sebosa solta seu veneno...  
Ah! O adé desce do borel e canta pra subir...  
Afinal, amanhã é outro dia e seu lado  
Zen-bundista, sempre, em alta...

(Dayse Bernardo, poema pessoal escrito na oficina de pajubá realizada  
em Valparaíso de Goiás no dia 14 de outubro de 2023)

O poema revela exatamente essa força que apenas a linguagem pode proporcionar. Nessa ideia, o pajubá é indispensável e eficaz na constituição da comunidade trans e travesti. Portanto, essa variante se torna crucial para a preservação da identidade trans. Nessa situação, é primordial que toda a comunidade utilize essa variante, a fim de se apropriar e preservar a memória daquelas que vieram antes de nós e abriram caminhos para que estivéssemos aqui, permitindo que todas as mulheres e homens trans, as travestis, os homens *gays*, as mulheres lésbicas, os homens e mulheres bissexuais, as pessoas não binárias, intersexo, assexuais, poliamorosas e pansexuais pudessem ser elas mesmas.

### **3.3. Processos pajubescos: escalada da variante em espaços impenetráveis**

Cansei de ser Alice  
Agora vou abalar geral!  
Deixar de dar moral pra alma sebosa,  
E permitir que o bofe do milênio me encontre.  
Um bofe escândalo mesmo,  
Daqueles que mesmo biritado,  
Não deixa rolar o climão,  
Embora eu deteste pudim.

Chega de comer mosca,  
De dar ouvidos a qualquer culé, cheia de culete.  
Ebó mal despachado que só quer dar a elza, dar o truque e um fight no meu bofe.  
Já vou avisando,  
Quer dar um ninja?  
Dou um voador, de leve  
Ou posso descer o barraco,  
Dependendo do climão.  
Chega de ser meiga,  
Vou alí na descolândia, descolar meu descolado.  
Sem esquecer o porta-jóia, claro.  
Vou de angélica, fui!

(Ângela Moreira., poema pessoal escrito na oficina de pajubá realizada  
em Valparaíso de Goiás no dia 14 de outubro de 2023)

O poema selecionado para começar esta seção traz um eu-lírico que se sentia delirante, mas optou por mudar sua postura. Ele costumava dar muita importância às opiniões alheias e viver de acordo com elas, mas, após perder tantas oportunidades, decidiu agir de forma diferente e escutar a si mesmo. Os termos pajubescos utilizados no poema agregam um charme ao texto, que, apesar de mostrar uma pessoa enfática, torna a leitura proveitosa e divertida.

A característica frutiva do pajubá é provavelmente um dos elementos que levou a variante a espaços com pouca ou nenhuma afinidade com o público trans-travesti. O pajubá, como já mencionado, foi criado como uma forma de segurança e alerta nas ruas, a fim de evitar violência policial e social. Portanto, a linguagem tem um caráter secreto que, ainda assim, ao longo do tempo, devido ao seu uso constante, acabou incorporada à fala cotidiana de diversos tipos de pessoas. Atualmente, é possível observar a inserção dessa linguagem em ambientes diferentes daqueles que originaram a variante, inclusive em locais predominantemente heterossexuais, embora seu uso abundante seja perceptível principalmente em locais simpáticos às pessoas LGBTQIA+. Camila destacou isso durante sua entrevista.

Minha amiga Ketlen, que mora na Cidade Ocidental, é cabeleireira e, assim como sua família, ela me aceita e abraça a comunidade LGBT. Na casa dela, se você estiver conversando usando esse dialeto, todos irão entender, pois a irmã e o irmão dela também estão familiarizados com ele. Eles não falam o

dialeto conosco especificamente, mas se estivermos conversando, a Ketlen vai entender, pois ela convive com essa linguagem diariamente. Porém, esse dialeto é mais conhecido quando se tem uma convivência com pessoas LGBT. Se alguém tiver contato apenas com pessoas heterossexuais cisgênero, é provável que não esteja familiarizada com o pajubá. No entanto, se essa pessoa estiver envolvida com a comunidade LGBT, incluindo gays, lésbicas e transgêneros, ela certamente entenderá o dialeto. (Camila Carvalho, entrevista pessoal concedida no dia 05 de julho de 2023 em Valparaíso de Goiás)

A fala de Camila confirma a importância de conviver com pessoas trans para que o conhecimento pajubesco se expanda. Assim, em geral, essas pessoas são cis e heterossexuais, mas também são integrantes de outros grupos sociais oprimidos. Nesse contexto, a variante une os movimentos negro e LGBTQIA+, ao preservar termos de origem africana, especialmente dos terreiros, que foram os únicos espaços que acolheram parte das pessoas pertencentes a grupos sociais oprimidos, como as travestis.

De acordo com Kroskrity (2004, p. 499), a linguagem e as línguas que não seguem uma forma purista e diferem do considerado formal tendem a ser restringidas às regiões periféricas. Isso se justifica pela origem e sobrevivência do pajubá nos guetos e nas vielas brasileiras. Além disso, devido à sua origem iorubá, uma língua não oficial brasileira proveniente de países africanos, essa variante foi ainda mais discriminada, uma vez que se entende o Brasil como um país racista.

Essa explicação aborda o conceito de preconceito linguístico, conforme Bagno (2013, p. 56) menciona. Ele argumenta que, muitas vezes, as pessoas têm a tendência de acreditar que a língua portuguesa não pode adotar formatos divergentes dos que estão claramente definidos na gramática e nos dicionários.

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe *uma única língua portuguesa digna deste nome* e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, pela ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português”. (Bagno, 2013, p. 56)

Sob essa ótica, muitos consideram o pajubá um equívoco e, por isso, dificilmente utilizar-se-á dele em contextos formais, como em universidades, escolas e discursos políticos. No entanto, sua natureza despreocupada é essencial para que ele se difunda em ambientes opostos à sua origem.

De acordo com Lima (2017, p. 66), o pajubá foi disseminado entre os membros da comunidade LGBTQIA+ desde o seu surgimento. Isso ocorreu principalmente nos guetos, lugares frequentados para encontros sexuais e pontos de prostituição. Foi nessas

regiões que homens homossexuais, à procura de relações sexuais, tiveram contato com essa variante da linguagem e também por meio do convívio com as travestis.

E é por esse motivo que os locais em que o pajubá mais aparece, e onde mais se renova, é exatamente nos guetos, nos lugares de aquecimento, naqueles locais de resistência sexual e cultural, muitas das vezes a única forma de existência disponível, viável, para sujeitos que não podem vivenciar suas sexualidades e seus gêneros no ambiente doméstico. Agora, os locais de aquecimento, serão lugares privilegiados e pródigos no que diz respeito à proliferação do pajubá. A irrupção do pajubá e seu uso corrente estão vinculados à vida no gueto, seja em boates, clubes, saunas, seja em lugares de “pegação” públicos, como parques e praças. É por meio do pajubá que as beeshas indicam seu interesse pelos bofes e é também por ele que “dão o coió” ou xoxam as concorrentes (Lima, 2017, p.67).

Essa relação entre a variante e o público cisgênero homossexual marcou o início de toda a expansão pajubesca e o fim de sua natureza secreta. Ao compartilhar a linguagem com pessoas cisgênero homossexuais, elas se reconheceram na variante e, juntamente com as travestis da época, tornaram-na sua identidade. A inclusão desses termos na vivência LGBTQIA+ foi crucial para que até mesmo pessoas cis-heterossexuais passassem a incorporar a variante em seus vocabulários. Aliás, durante a entrevista, Camila enfatizou que algumas de suas amigas cisgênero conheceram palavras em pajubá e agora preferem ser referidas por esses termos, pois acham sua sonoridade elegante.

Uma conhecida minha, que se identifica como cisgênero, expressou sua opinião, achando interessante que chamemos as mulheres de “amapô”. Ela disse: “Amapô é uma maneira bonita de se referir às mulheres, concorda?”. Eu disse: “Sim, concordo plenamente”. Então ela acrescentou: “Na verdade, acho ainda melhor e mais bonito ser chamada de amapô. O nome soa até mais elegante”. Eu respondi: “Com certeza”. (Camila Carvalho, entrevista pessoal concedida no dia 05 de julho de 2023 em Valparaíso de Goiás, Goiás)

Nesse contexto, em razão do círculo social de Camila e sua aproximação com indivíduos cisgênero, o pajubá obteve maior reconhecimento e deixou de se limitar aos círculos exclusivamente trans, infiltrando-se em espaços que até então não havia alcançado. Isso proporcionou à amiga de Camila compreender um sinônimo para a palavra mulher, que lhe trazia um sentido e sonoridade mais agradável.

Durante um longo período, o uso do pajubá pelos membros da comunidade LGBTQIA+ foi limitado aos espaços de encontros, conforme descrito por Lima (2017, p. 67). No entanto, essa restrição foi quebrada quando esse público começou a frequentar diferentes locais para expressar “suas sexualidades” (Lima, 2017, p. 67).

Além disso, muitas pessoas que usam essa variante não conhecem seu nome, mas é difícil encontrar alguém que, mesmo sem saber, não utilize essa linguagem no dia a dia. Da mesma forma, é natural que pessoas que não convivem frequentemente com travestis,

transexuais, LGBTQIA+ ou que não estão familiarizadas com ruas, boates, saunas e outros espaços de encontro não tenham um vasto conhecimento do pajubá; no entanto, é certo que, em momentos específicos, já tenham utilizado essa variante.

De acordo com o professor Kaleb, sua experiência em relação ao pajubá era limitada antes de mergulhar no convívio com pessoas trans. Ele reconhece que já utilizava algumas expressões presentes no pajubá, mas desconhecia sua origem e tinha um conhecimento restrito das palavras. Foi somente a partir da construção de amizades com membros da comunidade trans que seu conhecimento se ampliou de forma significativa.

Conheço bem o Pajubá, já usava algumas expressões do meio LGBT sem saber que se tratava de Pajubá, entende? Até que conheci uma amiga minha, talvez você também a conheça, a Amara Moira. Ela escreveu um livro, acho que é isso, não sou especialista na área, não sei ao certo, mas acredito que não seja um romance, não sei explicar, acho que é mais uma espécie de crônica, completamente escrita em Pajubá. O título do livro é “Neca”. Aprendi com ela, aos poucos, a usar essa linguagem com palavras mais elaboradas, sabe? Porque há muitas expressões em que você acha que entende, mas na verdade não. (Kaleb Salgado, entrevista pessoal concedida no dia 13 de julho de 2023 em Brasília, Distrito Federal)

Assim, é evidente que a utilização do pajubá, conforme exposto pelo professor Kaleb, em alguns momentos, ocorre sem o entendimento do seu real significado, devido à interação com outras pessoas LGBTQIA+ e também à exposição diária à mídia, que frequentemente apresenta, nas redes sociais, nas plataformas e na televisão, indivíduos e personagens que utilizam termos específicos dessa comunidade, os quais gradualmente foram incorporados pela sociedade que consome esse tipo de conteúdo.

Desse modo, com a difusão do pajubá, a mídia passou a adotar a linguagem em certas situações com o objetivo de trazer diversão e conhecimento. Com o surgimento de canais no YouTube, uma plataforma de vídeos *online*, influenciadores e comediantes começaram a produzir vídeos e ensinar a variante. Alguns desses vídeos alcançaram uma audiência enorme e contribuíram para sua popularização. Em uma das declarações da Emily em sua entrevista, ela destaca especificamente que a popularização do pajubá ocorre devido à facilidade de acesso à internet hoje em dia e também à quantidade de conteúdo sobre a variante disponível na rede.

Atualmente está mais popularizada. Isso se deve ao fato de que hoje em dia, se você quiser aprender algo, você pode simplesmente acessar a internet. Antes da internet, muitas coisas ficavam desconhecidas, não eram descobertas, não é mesmo? No passado, a linguagem do pajubá funcionava como uma forma de autodefesa. Era utilizada como uma maneira de escapar de situações perigosas. Hoje em dia, ela se tornou uma forma de comunicação social comum. As pessoas aprendem simplesmente recorrendo à internet. (Emily Martinelly, entrevista pessoal concedida no dia 15 de julho de 2023 em Valparaíso de Goiás, Goiás)

Nessa perspectiva, para Emily, a variante já não é mais apenas uma linguagem que protege as travestis de situações perigosas, mas, sim, um recurso de comunicação de conhecimento público. Para ela, o acesso à internet fez da variante uma importante ferramenta de interação social.

O acesso das pessoas ao pajubá na internet tornou-se popular graças aos vídeos disponibilizados nas redes. Destacam-se, especialmente, os vídeos no YouTube, que apresentam um formato humorístico ou histórico. Na plataforma, é interessante destacar o popular Glossário das Bichas, que teve duas edições diferentes: a primeira lição e a segunda lição. A produção contou até mesmo com a participação do ator Silvério Pereira e foi gravada em Fortaleza, capital do Ceará, entre os dias 24 e 25 de outubro de 2008 e entre os dias 6 e 7 de novembro de 2010, como parte do projeto Glossário, cujo objetivo era difundir o pajubá e a identidade da comunidade LGBTQIA+.

Além disso, destaca-se o vídeo, presente no YouTube, que fez parte de um programa humorístico da rede de televisão MTV. Ele conta com a participação dos talentosos humoristas Marcelo Adnet, Dani Calabresa e Tatá Werneck. O vídeo é repleto de termos da linguagem pajubescas e, atualmente, já acumula cerca de um milhão e cem mil visualizações.

Além desses vídeos, é possível encontrar muitos outros na plataforma. Um desses vídeos que obteve grande alcance é o da influenciadora e *drag* Lorelay Fox. O vídeo tem sido essencial para a disseminação da variante linguística, pois explora o pajubá. Ele já alcançou aproximadamente cem mil pessoas até o momento e aborda desde o contexto histórico do surgimento da linguagem até algumas palavras em pajubá.

O papel da mídia como disseminadora da variante não se limitou ao YouTube, chegou até mesmo à televisão em um dos canais de maior audiência do país. As telenovelas contaram com personagens que frequentemente utilizavam termos pajubescos. Esse foi o ponto alto da variante na mídia, pois foi por meio desses personagens e de sua linguagem que o pajubá se tornou mais conhecido e amplamente utilizado. Esses personagens alcançaram ambientes predominantemente heterossexuais, nunca antes alcançados por indivíduos da comunidade LGBTQIA+.

Além disso, em conjunto com a linguagem utilizada na mídia, especialmente nas redes mais progressistas, os autores de novelas adotaram o pajubá, uma variante linguística que anteriormente era usada exclusivamente em contextos LGBTQIA+. Essa inclusão na teledramaturgia levou essas palavras ao conhecimento social. No entanto, há momentos em que a utilização do pajubá nas novelas ocorre de forma jocosa, com o

intuito de ridicularizar. Apesar disso, essa disseminação da linguagem teve um papel importante ao fazer com que a sociedade reconhecesse essas variações linguísticas. Essa divulgação teve um impacto significativo e levou o pajubá até mesmo a ambientes onde as pessoas LGBTQIA+ não são predominantes. Durante a entrevista, Danielle também observou que o acesso à linguagem por parte do público cisgênero foi tão gradual que, quando percebeu, muitas pessoas que ela nem imaginava que a conhecessem já estavam familiarizadas com ela.

No entanto, nos dias atuais, a grande maioria já está ciente. Por vezes, um cliente chega aqui e já utiliza a terminologia, já sabe do assunto. Falam: “hoje eu fiz a chuca”. Fico surpresa por saber que eles entendem que “chuca” quer dizer fazer a higienização íntima. Fico perplexa, sabe? Quem foi que ensinou que “chuca” significa isso? Mas já sabe, já conhecem a terminologia. Está espalhado. Hoje em dia, não podemos usar o pajubá, pois a grande maioria já está ciente. É verdade. Então eu fico chocada. (Danielle Caldas, entrevista pessoal concedida no dia 05 de julho de 2023 em Valparaíso de Goiás, Goiás)

Conforme explicação dada por Danielle, essa disseminação da variante ocorreu em diversos contextos, especialmente através da televisão. As telenovelas, por exemplo, desempenharam um papel fundamental na difusão do pajubá. Dois dos exemplos mais notáveis foram nas novelas transmitidas pela Rede Globo, uma escrita por Walcir Carrasco, intitulada “Amor à Vida”, e outra escrita por Agnaldo Silva, chamada “Fina Estampa”. Nessas produções, os personagens eram homens cisgêneros e homossexuais, que frequentemente utilizavam essa variante linguística.

Assim, Félix Khoury, um dos personagens *gays* mais populares na televisão brasileira, da novela “Amor à Vida”, desempenhou um papel importante na disseminação do pajubá em ambientes anteriormente inacessíveis. Théo Pereira, um personagem *gay* bastante caricato da novela Fina Estampa, também teve uma influência semelhante. Foi por meio desses personagens que palavras como “bofe”, “purpurina” e “bicha pão com ovo”, todas pertencentes ao vocabulário do pajubá, passaram a ser conhecidas pelo público que acompanhava a novela (Risk, 2018, p. 158).

De acordo com Lima (2017, p. 61), a mídia criou o personagem Félix com o objetivo de entreter, dessa maneira, apesar de suas falas terem chegado até os lares daqueles que acompanharam a novela, não conseguiram transmitir o verdadeiro significado da linguagem para o público heterossexual que assistiu à novela. Esse é um fenômeno semelhante ao de outros personagens de telenovelas que usaram a mesma variante linguística. Durante a entrevista, Erika destacou a presença desses personagens que utilizam o pajubá. Ela mencionou que tem percebido o uso de termos pajubescos por algumas pessoas nas emissoras de TV.

É notório que até na televisão, as pessoas falam abertamente “ocó”, “neca”. Na verdade, na televisão está bastante evidente. Acredito que as pessoas já entendem melhor quando falamos sobre isso. Às vezes, fico um pouco constrangida ao falar próximo a alguém, pois algumas pessoas já têm conhecimento e comentam de imediato, entendendo o contexto. E acho que todos estão se atualizando. Até mesmo os malandros que vejo na rua, falam abertamente, enquanto passam: “aquenda, vai fazer a chuca”. E isso sem rodeios. Antes era mais restrito, mas agora não, agora está por toda parte. (Erika Ruffeil, entrevista pessoal concedida no dia 12 de julho de 2023 em Valparaíso de Goiás, Goiás)

Para Lima (2017, p. 63), o pajubá atualmente tem o intuito de incomodar, causar rubor e inquietar apoiadores do cis-heteropatriarcado, “causando incômodo na heterossexualidade”.

As expressões da personagem Félix, nada mais que comicidade e produtos da indústria cultural cujo dono é certa hegemonia heterossexual, não são o nosso pajubá, o nosso eh, bunita! gostoso que ousa, atrevido e pródigo na fexação, interpelar a normatividade heterossexual. Os bordões de Félix, por mais engraçados que sejam, veja-se o famoso “Eu salguei a Santa Ceia!”, beiram à artificialidade – em um sentido negativo, já que, lato sensu, toda a linguagem é artificial e, portanto, arbitrária –, ao forçarem a barra colocando na boca da personagem uma frase como “Ela deu a Elza no celular”, que é nossa expressão-máxima, em pajubá, pr’as guei larápias e truqueiras. (Lima, 2017, p. 62)

Lima (2007, p. 62) reconhece que, a partir do uso dessas palavras, a personagem atinge uma grandeza notável. No entanto, ele argumenta que o interesse da mídia fez com que a personagem fosse incapaz de transmitir adequadamente o verdadeiro poder subversivo que, para ele, vai além do aspecto cômico e deveria, na verdade, afligir e ruborizar a sociedade machista contemporânea.

O melhor do pajubá, e talvez muitas manas não tenham percebido, é que ele consegue ser poderoso na resistência aos discursos de normalização e normatização sem ser maçante, é algo do qual qualquer uma e um de nós pode, a qualquer tempo e lugar, usar e abusar, provocando risinhos aflitos nos censores da normatividade sexual. (Lima, 2017, p. 63)

Além disso, para além dessa introdução da variação na internet e na televisão, a linguagem também se espalhou para o mundo da música, o que tem resultado em um reconhecimento amplo do pajubá. Nesse sentido, é possível observar uma grande quantidade de talentos LGBTQIA+ na música, como Pablo Vittar, Linn da Quebrada, Liniker, Johnny Hooker e outros. Esses artistas têm desempenhado um papel fundamental na disseminação da variante. Um exemplo do uso do pajubá na música pode ser encontrado na canção “Tímida”, de Pablo Vittar. Em uma parte da letra, são utilizadas palavras pajubescas para transmitir uma mensagem de autoafirmação e empoderamento (Ela dá close de peito, close de bunda/ Close de rosto, close de unha/ Ela dá close escalando,/ mas tá envergonhada/ O bofe te olhou...). Nesta passagem da canção, pode-



se reconhecer a palavra “close” e “bofe”, expressões amplamente utilizadas na variante em questão.

Entre as canções e artistas que disseminam o pajubá, uma ênfase é dada à cantora Linn da Quebrada, devido à sua criação e ao lançamento de um álbum que tem o pajubá como protagonista. O álbum leva o nome dessa variante e apresenta músicas com contextos e termos pajubescos impressionantes. Segundo Santos (2022, p. 16), o álbum da cantora é composto por quatorze músicas, e cada uma delas incorpora a variante como elemento predominante.

O pajubá é um grande elemento dentro do álbum que carrega o mesmo nome, pois Linn da Quebrada faz questão de usar palavras presentes no dialeto como materialidade de suas letras. É a língua que materializa o discurso, pelo que o pajubá representa todo o grupo e sua luta. Como exemplo de palavras nesse pajubá atual, mobilizado na fala das pessoas trans, seguem alguns versos que contêm palavras do pajubá: - “Pois, de que me adianta a neça ser mati ou odara” (Tomara) - “Esses ocó só quer socar quando não tem ninguém mais vendo” (Pare querida) - “Olha pra cara da mona, que fala das manas” (Necomancia) - “É uó, (u) ócio do comício em ofício que polícia”. (Bomba pra caralho) (Santos, 2022, p. 23 e 24)

Santos (2022, p. 23) destaca, ainda, que o álbum de Linn tem como objetivo reconhecer e celebrar as identidades trans e travestis, ao colocar o pajubá no centro da obra, isso torna tangível o enfrentamento dessa população. Além disso, o álbum de Linn e outros artistas que utilizam o pajubá em suas letras provocam constrangimento e desconforto na sociedade conservadora. A apropriação desses termos pajubescos em suas músicas é fundamental, assim como sua manifestação em outras formas de mídia, para que a linguagem se torne acessível a toda a sociedade e permaneça relevante.

É importante ressaltar que essa variação vai além da fala, pois possui uma peculiaridade que só pode ser compreendida efetivamente ao utilizar expressões contundentes.

Comportar essa linguagem na escrita é insuficiente, porque o bajubá não é falado só através da boca, mas também pelos gestos, peles, poros, suor, cartografia dos corpos e desejos, e fala de celebração, resistência, margens, fronteiras, ocupação, subversão, em suas incessantes revoluções moleculares. (Araujo, 2020, p. 169)

Tendo em vista o crescimento do pajubá e a incorporação de algumas de suas palavras no cotidiano de muitas pessoas, o Inep introduziu uma questão bastante debatida no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), em 2018. Essa questão abordava o pajubá em seu contexto. A inclusão da variante na avaliação do Enem foi crucial para promover sua disseminação e proporcionar uma ampla visibilidade de suas características peculiares.

Embora tenha gerado uma grande polêmica devido ao preconceito social de algumas pessoas conservadoras, abordar esse tema no exame foi fundamental para fomentar o debate. Além disso, despertou o interesse da sociedade pela variante e a elevou ao *status* de patrimônio linguístico, como mencionado por Silva e Silva Jr (2021, p. 257). Nessa perspectiva, a professora Edu destacou a importância de o Enem ter incluído uma pergunta sobre a variante. Segundo ela, isso permitiu que as pessoas pudessem adquirir conhecimento a respeito dela.

E quando o Enem inclui uma questão sobre o pajubá, ele também traz uma crítica interessante. Isso nos faz refletir sobre o fato de que o pajubá é uma linguagem como qualquer outra. É maravilhoso ver outras pessoas debatendo e discutindo esse tema, pois pessoalmente acredito que seja algo revolucionário. Seria enriquecedor ter mais questões como essa no Enem, em vestibulares e em outros contextos similares. (Edu Silva, entrevista pessoal concedida no dia 07 de junho de 2023 no Guará, Distrito Federal)

Na opinião de professora Edu, essa iniciativa ressaltou a importância significativa dessa variante linguística para a sociedade brasileira, já que ela desempenha um papel essencial na construção da identidade desse povo. Isso resulta na necessidade de protegê-la, pois preservar o pajubá é valorizar a cultura e a tradição que não devem ser perdidas, a fim de garantir que elas permaneçam acessíveis às gerações futuras.

Eu aprecio a minha identidade e tenho prazer em compartilhar meu conhecimento com meu esposo. Ele costuma expressar surpresa ao ouvir termos que não conhecia, mas eu valorizo o sentido de pertencimento que a minha linguagem traz. É gratificante ver pessoas cis, brancas e heterossexuais se apropriar dela e utilizar expressões como “aquendendo” e “picumã”. Eu particularmente gosto muito do termo “picumã” e considero intrigante também o uso de “alibã”. (Edu Silva, entrevista pessoal concedida no dia 07 de junho de 2023 no Guará, Distrito Federal)

O conteúdo expresso no Enem 2018 teve um grande impacto tanto na imprensa como na sociedade da época. Isso resultou em críticas intensas por parte da população mais conservadora do país, que tentou dividir a sociedade e incitar uma grande massa social a menosprezar ações e conteúdos relacionados a pessoas trans e travestis.

De acordo com Oliveira (2021, p. 15), essa onda conservadora da época procurou desqualificar a linguagem utilizada. Eles argumentaram que esse tipo de questão não era indicativo de conhecimento válido. Segundo Oliveira (2021, p. 15), esse movimento chegou a afirmar que o pajubá, identificado na questão como a linguagem secreta dos *gays* e travestis, não era relevante para a sociedade e constituía um conhecimento inútil.

Oliveira (2021, p. 15) ainda ressaltou que o movimento fez uma grande comoção em relação ao assunto abordado no exame e caracterizou a iniciativa do Inep de abordar

o pajubá como uma valorização excessiva das ações LGBTQIA+, algo que, segundo eles, não teria relação com a história do Brasil nem com sua cultura.

Além disso, Oliveira (2021, p. 16) enfatizou que esses grupos conservadores não tinham argumentos sólidos para suas críticas, uma vez que a própria BNCC, um documento oficial e de abrangência nacional, estabelece a necessidade de discutir, em sala de aula, temas relacionados à prática social, à oralidade e às diversas formas de linguagem. Outrossim, o documento destaca a diversidade linguística do Brasil, realçando um país multilíngue que possui muitas variações, as quais são desconhecidas por uma parcela significativa da população. Nesse sentido, abordar essas questões no ambiente escolar é essencial para a valorização cultural e social do país.

Ademais, apesar de a Base Nacional Comum Curricular ter destacado a importância de incluir na rotina escolar assuntos relacionados à oralidade e às diferentes linguagens, ainda não houve a inclusão do pajubá nos currículos escolares do Brasil, seja de maneira isolada ou interdisciplinar. Embora a linguagem tenha se popularizado, incluir o pajubá nas práticas docentes ainda é um tabu. Essa situação ocorre devido ao movimento conservador brasileiro que ganhou força desde 2018, o qual dificulta a abordagem de assuntos relacionados à população trans pelos professores. Apesar disso, a linguagem resiste e aparentemente faz parte da experiência oral de muitas pessoas, até nos pátios das escolas durante os intervalos, locais mais informais e descontraídos, algo que as distingue das salas de aula no Brasil.

No que se refere à utilização do pajubá no ambiente escolar, as professoras e o professor entrevistado afirmaram não ter ainda incorporado o uso dessa variedade linguística nos conteúdos abordados. Entretanto, devido à naturalidade com que essa variante é expressa e à convivência diária, tanto o professor quanto as professoras acabam pronunciando palavras que pertencem a esse estilo de fala.

Adoro o Pajubá porque se aprende através da interação com outras pessoas. Existem alguns dicionários disponíveis na internet, no entanto, eles são bastante limitados no que diz respeito ao vocabulário usado no dia a dia, concorda? É uma tradição oral que tem origem no iorubá e é uma língua que se desenvolveu principalmente através da tradição oral, não é verdade? Na sala de aula é divertido, às vezes acabo soltando algumas expressões sem querer, pois fazem parte do meu cotidiano, tipo “arrasou”, “mona”, “babado”, quando uma colega faz algo legal e pergunta, “gostou, professor?”, respondo “nossa, babado, arrasou”. E eles olham, sem entender o que é isso. Eles costumam dizer algo como: “Que é isso, professor?” Então eu tento explicar, mas é bastante desafiador. Por exemplo, aqueles que não estão familiarizados, às vezes, começam a dizer coisas do tipo: “isso é coisa de viado”. Eu falo, “oh, que maravilha, não é incrível, galera? Vamos começar a empregar essa linguagem de forma positiva, já que nossa comunicação é tão rica e positiva”. Aí eles ficam meio confusos. Então eu tento desconstruir e reconstruir dessa

maneira. (Kaleb Salgado, entrevista pessoal concedida no dia 13 de julho de 2023 em Brasília, Distrito Federal)

A professora Edu endossa as palavras do professor Kaleb e, de maneira similar, ela afirma que ainda não conseguiu estabelecer uma ligação entre suas aulas e a variante pajubá. Ela mencionou que irá ponderar mais sobre o assunto e investigar a viabilidade de integrar o pajubá no contexto da disciplina que ela leciona. No entanto, as docentes e o docente enfatizam que essa aplicação precisa ser cuidadosamente planejada, de modo que os estudantes realmente percebam essa variante como uma cultura que merece valorização e preservação.

Não, infelizmente não utilizei o pajubá nas minhas aulas pois ainda não consegui estabelecer essa ligação. Nunca tinha pensado em fazê-la quando era estudante, professora de francês ou mesmo na escola. Agora, estou muito mais consciente disso devido à Libras, que encanta tanto crianças quanto adultos. Estabeleço um paralelo com a Libras, que é a língua brasileira de sinais, e acredito que posso começar a fazer essa conexão. Como a Libras é uma língua visual, ao fazer os sinais, os alunos compreendem melhor a língua francesa, pois conseguem fazer essa associação entre o sinal e o som. Vou tentar incorporar isso, pois é importante abordar esse assunto. Seu trabalho é necessário, pois ele traz um viés de interseccionalidade, no qual é necessário considerar tudo em conjunto. Não conseguimos falar sobre travestis, mulheres trans, especialmente travestis, sem mencionar o iorubá e o pajubá. (Edu Silva, entrevista pessoal concedida no dia 07 de junho de 2023 no Guará, Distrito Federal)

O pajubá deu o seu primeiro passo rumo à popularidade entre as pessoas quando o primeiro dicionário, que incluía alguns dos termos utilizados nessa variante linguística, foi escrito. O famoso **Diálogo das Bonecas** foi o pioneiro na difusão dessa língua peculiar. Além dele, outros dois dicionários de grande importância — **O Bichonário** e **Aurélia, a dicionária da língua afiada** — também foram criados e atualmente são referências indispensáveis para aqueles que desejam estudar e se interessam pela variante.

Jovanna Baby é a autora de *O Diálogo das Bonecas*, livro publicado em 1992 pelo grupo Astral, uma das primeiras organizações sociais dedicadas ao apoio de travestis. De acordo com Araujo (2018, p. 53), o dicionário foi concebido para ser distribuído durante o Encontro Nacional de Travestis e Transexuais Engajadas na Luta e Prevenção do HIV/AIDS (ENTLAIDS), que ocorreu no Rio de Janeiro no mesmo ano do lançamento de *O Diálogo das Bonecas*. De acordo com Araujo (2018), é importante ressaltar que a autora desta obra, Jovanna Baby, enfatiza o propósito do dicionário ao buscar promover o conhecimento dessa variante linguística entre as travestis. Isso tem o poder de emponderá-las.

O “Diálogo de Bonecas” é o primeiro Dicionário impresso do Bajubá das Travestis no Brasil. No final do ano de 1992 em uma das reuniões da ASTRAL, na sede do Instituto ISER, as travestis decidiram lançar um dicionário com o

bajubá diário a fim de ajudar as meninas que viviam da prostituição noturna a se defender dos ataques, seja da sociedade ou da polícia à época. Me lembro que a principal fala era que uma podia avisar a outra em situação de emergência sem serem entendidas por curiosos. Muitas palavras usadas foram levantadas e otimizadas em um texto que foi diagramado e impresso em forma de dicionário. (Silva, 2021, p. 35)

Atualmente, o dicionário foi lançado com o nome **Bajubá Odara**, o qual, além de conter o próprio dicionário em suas páginas, também apresenta memórias e eventos históricos do movimento travesti no Brasil. A obra completa é escrita por Jovanna Baby e publicada pela editora Fonatrans.

Outro dicionário de grande importância, com entradas relacionadas à comunidade pajubá, é o Bichonário: um dicionário voltado para o público *gay*. No presente, não é fácil encontrar essa obra, nem mesmo na internet, mas ela desempenhou um papel relevante na disseminação da linguagem. De acordo com Araujo (2018, p. 56), o Bichonário foi resultado de uma monografia elaborada por um estudante de Comunicação Social da Universidade Federal da Bahia, chamado Orocil Santos Júnior. O estudante realizou suas pesquisas em boates e guetos LGBTQIA+ da época, e o dicionário foi escrito em 1996.

Essa pesquisa expandiu-se e trouxe uma quantidade maior de entradas, em contraste com o Diálogo das Bonecas, que possuía menos palavras, pois as palavras escritas por Jovanna estavam restritas exclusivamente ao contexto travesti e traziam a origem mais autêntica do pajubá, que, devido à sua natureza inovadora, acabou adotado nos ambientes *gays* nos anos 90 do século XX.

São 636 palavras com seus respectivos significados. As seções são precedidas de ilustrações. Após o prefácio, há uma estória baseada na mitologia: a estória de Jacinto, um jovem mortal por quem Apolo, deus do sol, e Zéfiro, um dos quatro ventos do oeste, se apaixonaram, mas que termina em tragédia, quando Zéfiro enciumado enquanto Jacinto e Apolo jogavam discos, mata seu amor. Assim, as lágrimas de Apolo fizeram com que do sangue de Jacinto nascesse uma flor. (Araujo, 2018, p. 56)

A obra de Orocil Santos Júnior, que fora o segundo dicionário do pajubá a ser publicado, ultrapassou as barreiras trans-travestis e chegou à esfera do ensino superior. Com isso, possibilitou que a linguagem fosse difundida em contextos acadêmicos. Além disso, o dicionário proporcionou uma oportunidade para que pessoas LGBTQIA+ que não estão envolvidas na prostituição ou que não frequentam boates e locais exclusivos pudessem ter acesso e se apropriar dessa linguagem, que é um elemento essencial da identidade dessa comunidade. Assim, o Bichonário, de Orocil Santos Júnior, tornou-se um dos primeiros recursos para pessoas LGBTQIA+ academicamente, especialmente aquelas que não eram frequentadoras ativas da vida noturna.

No entanto, somente em 2006, após a publicação de **O Bichonário**, surgiu o dicionário pajubesco mais abrangente e de maior circulação do país. **Aurélia, a dicionária da língua afiada**, publicado pela Editora Bispo, foi elaborado por Angelo Vip e Fred Lipi no ano de 2006. De acordo com Araujo (2018, p. 63), o autor do livro, Vitor Ângelo, um jornalista brasileiro falecido em 2015, utiliza o pseudônimo Ângelo Vip, enquanto Fred Lipi não possui uma identidade reconhecida.

Inicialmente, a obra alerta os leitores sobre a presença de palavras consideradas vulgares por muitos, que podem gerar confusão e desconforto. Por esse motivo, os autores aconselham àqueles que possam se sentir ofendidos a não continuarem com a leitura.

Este dicionário não tem a pretensão de ser politicamente correto. Muitos termos são chulos e pejorativos, podendo ser ofensivos para determinadas pessoas ou grupos. Nesse caso, recomendamos a interrupção imediata da leitura. Nossa intenção é a de levantar o maior número possível de termos ligados de alguma forma à cultura gay e lésbica e reuni-los num volume que retrate seus usos mais comuns na prática da NOSSA LÍNGUA PORTUGUESA! (Vip e Lipi, 2016, p. 5)

De acordo com Araújo (2018, p. 64), Aurélia é o resultado de uma pesquisa de dez anos e contém uma quantidade considerável de verbetes que, além de abrangerem palavras de base brasileiras, também especificam o estado de origem da palavra. Além disso, o dicionário inclui palavras de outros países que compartilham a língua portuguesa. Como resultado, o dicionário possui aproximadamente 1.300 verbetes e alcançou um número significativo de edições.

Compreender a relevância dos dicionários, da internet e dos meios de comunicação na divulgação do pajubá é essencial para aqueles interessados em mergulhar mais profundamente nessa linguagem e familiarizar-se com seus termos. No entanto, nada é tão eficaz na consolidação do conhecimento como a prática diária e o contato com a comunidade LGBTQIA+, em particular com as travestis e mulheres trans. Assim, para manter uma identidade, é necessário apropriar-se daquilo que representa e o pajubá é uma das formas mais relevantes de amplificar a voz trans-travesti, além de honrar nossas ancestrais e suas lutas sociais contra o patriarcado e a homotransfobia.

Nesse sentido, o **Diálogo das Bonecas** foi a primeira obra a difundir o pajubá para além das ruas. Desde então, essa variante ocupa os lugares mais improváveis e, por isso, continua viva, não apenas nos locais restritos, mas também nos supermercados, casas de *shows*, escolas, redes de televisão e diversos outros espaços antes inacessíveis. O pajubá é cultura, resistência e, acima de tudo, vida. É dever da comunidade LGBTQIA+ e de seus aliados contribuir com a preservação dessa linguagem, seja nas redes sociais e na

internet, como no Museu Virtual Bajubá, ou por meio da música e da vida cotidiana. Que ela permaneça viva, se reinvente e continue a causar incômodo por muito tempo.

### **3.4. Análises pajubescas: uma abordagem fundamentada nas provas expostas durante as oficinas**

Diante da relevância histórico-cultural do pajubá, verificou-se a necessidade de ampliar o conhecimento dessa variante linguística para diferentes públicos. Com o propósito de efetivar essa divulgação, concebeu-se a ideia de realizar uma formação breve destinada às pessoas interessadas em se familiarizar com essa variante.

Nesse sentido, para promover um evento no qual a prática do pajubá ficasse mais evidente, ao considerar que sua disseminação ocorreu de forma prática e descontraída, idealizou-se uma oficina de linguagens. O objetivo seria preservar a especificidade dessa variante e proporcionar conhecimento e práticas significativas relacionadas ao pajubá.

As oficinas foram desenvolvidas com base em contextos pedagógicos e lúdicos, para que os participantes compreendessem a natureza singular da linguagem. Segundo Vieira (2022, p. 26), o pajubá já faz parte do vocabulário da maioria dos brasileiros, embora nem todos o associem à população trans e desconheçam sua origem e contexto histórico.

Dessa forma, é crucial a realização de eventos de compartilhamento e aplicação da variante a partir das palavras presentes em dicionários e nas redes sociais, que já não possuem caráter secreto. Essa iniciativa tem a finalidade de reconhecer e valorizar a comunidade travesti e trans, promover sua identidade e fortalecer seu pertencimento dentro dos contextos culturais e valores do Brasil.

Nesse contexto, as oficinas tiveram um papel fundamental na incorporação e transmissão adequada desse conhecimento e senso de pertencimento às futuras herdeiras. Os eventos propiciaram conexões que permitiram elevar a autoestima e adquirir conhecimentos significativos sobre a cultura brasileira.

Assim, concebeu-se, inicialmente, uma oficina voltada especificamente para as interlocutoras graduadas da escola. A intenção era familiarizá-las com a linguagem e demonstrar seu valor como patrimônio.

As egressas da escola, que já foram mencionadas no capítulo dois desta pesquisa, ao serem abordadas pela primeira vez, não tinham conhecimento do nome específico do dialeto, mas já conheciam grande parte dos termos, pois elas já o utilizavam e tinham consciência de sua natureza secreta e usavam-no constantemente. Além disso, por causa

da escassez de informações históricas sobre o pajubá, sentiu-se a necessidade de organizar o evento dedicado a essa linguagem e suas peculiaridades.

Dessa forma, o primeiro evento foi planejado e as quatro participantes foram convidadas. Além disso, com o intuito de compartilhar esse conhecimento com outras pessoas além das egressas da escola, a oficina foi amplamente divulgada.

À vista disso, a primeira divulgação do evento ocorreu nas mídias sociais em 9 de julho de 2023. O evento estava programado para ocorrer em 16 de agosto do mesmo ano e foi promovido por meio de um texto que utilizou linguagem descontraída e recebeu muitos elogios daqueles que o leram.

Olá, mona! Inhaiiiin, ocó! Aquenda, que azamiga irão se juntar no dia dezoito de agosto das treze às dezessete horas para conhecer o pajubá e entender um pouco mais dos processos de escrita. Vai ser bafão! Não deixe de ir, bee! Sua presença na nossa oficina será babado e vai enriquecer demais nossa formação. Brevemente, vou te explicar o que é o pajubá, quem sabe assim você não se interessa mais e resolve ir com a gente nesse dia. O pajubá “é uma série de palavras que tem sua origem no nagô e no iorubá [grupos étnico-linguísticos africanos], e considera apropriações linguísticas feitas por travestis e mulheres transexuais” da década de 1960 e 1970, período da ditadura militar (Costa e Dias, 2022, p. 128). Essa variante linguística foi criada para salvar vidas e permitir a comunicação entre essas mulheres que na época foram fortemente perseguidas pelos ditadores. A ideia é honrar as monas que vieram antes de nós e não deixar nossa cultura e linguagem morrerem! Então, vamos? Deixa de fazer a egípcia, desaquenda dessa moleza e se inscreve na nossa oficina. Mana, vai ser maaara! Corre que as vagas são limitadas! Faça sua inscrição! Aquenda logo, anda! É só clicar no link do google formulário aqui abaixo ou na bio, clicar no link do forms e pronto. Espero por vocês! (Chamamento para a oficina de texto e linguagens ancorada na rede social Instagram, a partir da conta intitulada @docimar, no dia 09 de julho de 2023, em Valparaíso de Goiás, Goiás)

O primeiro desafio significativo durante a organização da oficina foi a extensão de seu alcance e a promoção adequada. Inicialmente, houve pouca procura, o que gerou preocupação, uma vez que o público parecia insuficiente. As convidadas anteriores ainda não haviam confirmado suas presenças, embora a maioria indicasse que provavelmente estaria presente. Em razão disso e devido ao número reduzido de inscrições ao longo dos dias, esforçou-se para obter apoio de indivíduos e grupos na divulgação da oficina. Felizmente, alguns deles responderam ao pedido, o que resultou no aumento da quantidade de inscritos.

Ao final do processo de inscrição, além das quatro interlocutoras do projeto, a oficina teve um total de vinte e uma pessoas inscritas. Esta quantidade aparentou ser satisfatória, posto que a expectativa inicial era de um máximo de quinze inscrições. Entre os participantes, havia homens *gays*, mulheres lésbicas, homens trans, mulheres trans e travestis.



Com o intuito de auxiliar e proferir um discurso relevante, a professora Edu, uma das colaboradoras da pesquisa, recebeu um convite cordial. Sua prontidão em aceitar foi imediata, sem qualquer hesitação.

Eu irei prontamente. Com certeza, desejo comparecer. É algo que adoro! Para que possamos abordar o pajubá, dialogar e reunir as “monas” as “bee”. Estou definitivamente decidida a ir! (Edu Silva, resposta dada via rede social no dia 18 de julho de 2023)

**Figura 5 – Árvore pajubesca**



Fonte: própria e imagens do Instagram Pajubá Ilustrado (2019 e 2020).

No dia do evento, preparou-se todo o material necessário. Incluiu-se um galho seco como símbolo de uma árvore, um grande vaso de plantas cheio de brita para manter o galho firme, e imagens com termos pajubescos, com seus respectivos nomes logo abaixo. Além disso, organizou-se um baralho com imagens e lexemas do pajubá para um jogo de mímica. Também foram providenciadas uma sequência de figuras para criar uma história em quadrinhos e uma versão improvisada de amarelinha em bandejas descartáveis, com números e uma pedra para jogar.

No primeiro evento, três das participantes da pesquisa e mais três pessoas estiveram presentes. Os demais inscritos não compareceram e não deram uma justificativa para as suas ausências. Infelizmente, houve atrasos por parte dos inscritos, o que dificultou o progresso do evento, já que o local tinha um horário de encerramento. Como resultado, a oficina começou com uma hora de atraso. Isso impossibilitou a realização de tudo que havia sido planejado previamente.

No entanto, isso não impediu de iniciar com a apresentação da professora Edu. Ela falou por aproximadamente uma hora e trinta minutos. Dado o grande atraso para o início do evento, decidiu-se dar a ela esse tempo, já que seria impossível colocar em prática tudo que havia sido planejado.

Assim sendo, o evento caracterizou-se pela eloquência da professora Edu e, posteriormente, as participantes desfrutaram de momentos de aprendizado com a prática do jogo da amarelinha. Essa atividade consistia em jogar um número na amarelinha. O número correto correspondia a uma pergunta a ser feita sobre um termo do pajubá e seu significado. Quando a resposta estava correta, a pessoa recebia uma recompensa.

Após essa dinâmica, foram abordados mais alguns assuntos, que eram interrompidos intencionalmente pela atividade lúdica. No entanto, devido ao tempo disponível, uma vez que o local cedido para a oficina estava prestes a fechar, não havia muito tempo. Dessa forma, o evento foi concluído com uma avaliação breve. Destacou-se a importância do diálogo para aperfeiçoar futuros eventos semelhantes, uma vez que as oficinas também contribuíram para o aprimoramento do produto técnico apresentado no contexto do mestrado profissional em educação. Assim, na avaliação da oficina, as participantes expressaram suas percepções sobre o evento e sugeriram melhorias.

Nesse sentido, as pessoas presentes enfatizaram que conhecer a história foi fundamental. Elas elogiaram o evento como maravilhoso e expressaram o desejo de que ocorram mais vezes, pois, segundo elas, o município de Valparaíso está carente de oficinas como essa. Algumas participantes afirmaram que, se houver uma nova oportunidade, irão participar novamente.

Para mim, foi verdadeiramente uma experiência de descoberta da história por trás do pajubá. Eu não tinha conhecimento disso antes, então tudo é novo para mim, pois não fazia parte das minhas experiências passadas. Mesmo que tenhamos algum conhecimento sobre algo apenas por estarmos envolvidos, é extraordinário poder entender de onde algo surgiu e explicar isso às pessoas, para que elas possam ter mais respeito. Além disso, a sensação de contribuição adquirida é maravilhosa. (Participante 01 da 1ª oficina de pajubá, realizada em 16 de agosto de 2023, em Valparaíso de Goiás, Goiás)

Para algumas das pessoas presentes, o pajubá já fazia parte de suas experiências, embora ainda não tivessem conhecimento teórico sobre essa variante. Segundo elas, foi essencial compreender sua estrutura e nuances, pois esse conhecimento as permitirá dialogar com a sociedade para demonstrar que o pajubá não é apenas uma tendência recente, mas, sim, algo que já está enraizado e há muito tempo faz parte do tecido social, inclusive é utilizado na fala cotidiana por muitas pessoas.

Achei bastante intrigante a abordagem feita, até o seu comentário, acerca do pajubá como medida de proteção. É que muitas vezes, veja, quem não está envolvido na causa costuma dizer coisas do tipo: “Ah, isso é besteira, né? Ou que é isso agora? Já quer inventar uma moda?”. Mas é preciso compreender que essa questão vai além do aspecto cultural; é uma questão de sobrevivência antes de qualquer outra coisa. (Participante da 1ª oficina de pajubá, realizada em 16 de agosto de 2023, em Valparaíso de Goiás, Goiás)

No que diz respeito às suas opiniões sobre possíveis melhorias, uma grande parte respondeu que seria interessante prolongar a duração do evento. Segundo elas, devido ao tempo previsto, muitas coisas acabaram sendo deixadas de fora, especialmente porque o tempo foi insuficiente. Além disso, algumas pessoas sugeriram que atividades mais práticas poderiam ser incluídas para que elas pudessem aprender mais palavras que integram o pajubá durante o evento.

Ressaltou-se que uma das intenções do evento era ter mais atividades práticas, em vez de se limitar apenas ao contexto histórico. No entanto, por causa dos atrasos e do tempo limitado, várias coisas ficaram de fora do evento. Como resultado, as críticas e os elogios foram positivos e serviram para ajustar a oficina que ocorreria posteriormente.

Dessa forma, com o objetivo de tornar a atividade mais prática, na planificação para a próxima oficina, considerou-se a duração de cada etapa do evento. A primeira medida tomada foi reduzir o tempo dedicado ao contexto histórico, a fim de enfatizar a aplicação prática da oficina em detrimento da teoria.

A segunda oficina foi realizada na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB). A sua divulgação não foi complexa como a primeira, pois fez parte da Semana Universitária<sup>1</sup> e, por esse motivo, sua divulgação foi realizada pela própria UnB que forneceu o dia, horário e *link* específico para os interessados se inscreverem.

---

<sup>1</sup> A Semana Universitária da UnB é um Programa anual, organizado pelo Decanato de Extensão e com realização pela Universidade de Brasília. É composto por centenas de atividades propostas pelas unidades acadêmicas, centros e hospitais da universidade. Trata-se de um grande encontro, no qual a comunidade interna e externa da instituição pode conhecer melhor os cursos e a produção acadêmica e cultural da UnB (Universidade de Brasília, CEAM – Centro de Estudos Avançados e Multidisciplinares, 2023).

**Figura 6 - Oficina UnB**



Fonte: própria.

A demanda foi alta, inclusive, com as vagas preenchidas em poucos dias após a disponibilização. Por esse motivo, as vagas foram ampliadas em duas ocasiões, uma vez que já se sabia que, em eventos como esse, grande parte dos inscritos não comparece.

Essa oficina ocorreu em 11 de setembro de 2023, e teve a presença de vinte e três participantes. A maioria desses participantes era estudantes da UnB e membros da comunidade LGBTQIA+.

Comparada à primeira oficina, esta segunda contou com uma abordagem mais lúdica. A partir dos resultados do evento anterior, foram implementadas melhorias para as atividades. Os participantes demonstraram muito interesse e se envolveram ativamente em todas as dinâmicas propostas.

Recebeu-se todas as atividades sugeridas com entusiasmo e essas transcorreram de forma leve e divertida. Com exceção da atividade de escrita inspirada em quadrinhos, todas as dinâmicas foram concluídas com dedicação.

Ao término, na avaliação da oficina, o retorno foi positivo sobre a realização desse evento. Isso proporcionou confiança em relação à oficina e confirmou que estávamos no caminho certo.

Dentre as avaliações do evento, é possível destacar três importantes opiniões que serão apresentadas aqui como a avaliação do participante 1, participante 2 e participante 3. Elas serviram como orientação para o processo e revelaram possíveis falhas que poderiam ser corrigidas nos próximos eventos.

Disponibilizou-se o formulário de avaliação no Google Formulários, que era constituído por perguntas que os participantes poderiam classificar de zero a cinco, sendo zero para “definitivamente não” e cinco para “definitivamente sim”. Considerou-se uma escala linear, em que cada número representava uma maior proximidade da pontuação máxima e, naturalmente, um melhor aproveitamento do que foi implementado durante o evento.

Das pessoas que fizeram a avaliação, nenhuma deu nota abaixo de quatro e a maioria das notas atribuídas foi cinco. As perguntas que deveriam receber avaliação por notas foram: O palestrante aparenta conhecer o assunto? Ele tem facilidade de comunicação? Tem bom relacionamento com os participantes? Responde às perguntas de forma completa e clara? A duração do curso foi adequada? Houve boa continuidade e organização? O nível foi adequado aos objetivos propostos? É possível aplicar o pajubá no dia a dia? Os recursos didáticos (*slides*, simulações, referências bibliográficas etc.) aplicados no curso foram bons? As quantidades foram suficientes? Os equipamentos foram adequados? A sua expectativa foi atingida? A infraestrutura é adequada? Você recomendaria a oficina?

Além das questões mencionadas, outras foram apresentadas, contudo, estas eram subjetivas, e os participantes foram solicitados a expressar suas impressões por escrito. Estas foram as seguintes: O que você mais gostou da oficina? O que pode melhorar? Você acha que o uso da variante está em desuso pela população LGBT em geral, ou continua suficientemente viva? Ocorre alguma desvalorização do pajubá por parte da população LGBTQIA+? Se há, no seu ponto de vista, essa desvalorização acontece por quê? A variante deveria ser mais valorizada? Você acha que o motivo da variante estar prestes a desaparecer se dá devido ao pajubá ser usado por pessoas LGBTQIA+ e por ser inspirada em religiões de matrizes africanas ou teria outro motivo? Você acha que o pajubá pode vir a desaparecer em algum momento? O que tem feito com que o pajubá ainda continue existindo, mesmo que com dificuldades? Você usa o Pajubá com frequência? Se você usa ou já usou, em quais momentos você usou e com quem? Em casa, em um bar/lanchonete/restaurante/sorveteria, na rua, viagem, no trabalho, escola, cursos? Em quais lugares você prioriza o uso formal da Língua Portuguesa e em quais você fica mais à vontade para usar variantes como o pajubá? Teria algo mais a acrescentar ou sugerir?

Nessa seção, repleta de opiniões pessoais, o primeiro participante explicou que o pajubá ainda não é conhecido em todo o país devido ao tamanho vasto do Brasil. De acordo com ele, devido ao fato de essa variante linguística ser mais comum entre as

camadas sociais menos privilegiadas, em ambientes diferentes, a linguagem não se difunde com a mesma intensidade.

A realidade é que a falta de conhecimento sobre o pajubá ocorre devido à vastidão geográfica do país e à diversidade de classes e raças, o que resulta em uma maior presença dessa variante nas camadas marginalizadas da sociedade. (Participante 01)

O participante seguinte expressou uma visão mais ampla, sugerindo que a sociedade está passando por uma transformação evidente. Especificamente, ele destacou como as preocupações dos grupos sociais oprimidos, incluindo a população trans-travesti, estão sendo cada vez mais reconhecidas pela sociedade em geral. Esse reconhecimento tem levado as pessoas a se apropriarem do pajubá.

Vejo que o pajubá se tornou cada vez mais integrado à comunidade, e acredito que à medida que a comunidade se envolve com a causa T, valorizamos não apenas o pajubá, mas também a luta e a vida das pessoas (Participante 02).

O participante seguinte escolheu expressar sentimentos de grande admiração pela oficina. De acordo com ele, a experiência foi extraordinária e participar desse momento desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento do seu conhecimento. Em suas palavras, foi “tudoo. As dinâmicas foram muito divertidas, as pessoas incríveis e a aula muuuito informativa”.

No mesmo seguimento, o quarto participante entoou palavras de elogio notáveis, capazes de trazer a sensação de ter organizado uma oficina realmente valiosa e relevante. Conforme relatado por ele, não havia termos suficientes para expressar a magnitude do impacto que a oficina teve. Citando-o textualmente, ele declarou na ocasião: “só quero elogiar vocês, porque foi incrível”.

Perante a questão colocada acerca da possibilidade de desaparecimento da variante pajubá, os participantes 3 e 5 afirmaram que não têm notado a sua extinção. Pelo contrário, ela parece tão ativa como sempre e, além disso, tem-se reinventado constantemente. O participante 3 destacou exatamente isso, ao afirmar: “Eu não consigo perceber esse desaparecimento”.

Por outro lado, o quinto participante destacou que, se essa situação estiver realmente ocorrendo, pode ser porque as travestis estejam optando por não as utilizar durante o dia, a fim de evitar sua propagação e preservar seu caráter secreto. Vale ressaltar que o preconceito dos fundamentalistas cristãos tanto em relação à comunidade LGBTQIA+ quanto às religiões de matriz africana também poderia ser um fator contribuinte para um possível desaparecimento da variante.

Eu não sabia que o pajubá está prestes a desaparecer! Se eu for dar um palpite, acho que essa hipótese da demonização de religiões de matrizes africanas junto com a ascensão de grupos fundamentalistas cristãos tem a ver sim. Mas acho que também pode ter a ver com a diminuição do uso pelas próprias travestis pelo medo dos clientes entenderem, como foi falado durante a própria aula. (Participante 05)

A terceira e última oficina foi baseada em uma proposta da Academia Valparaense de Letras (AVL), responsável por organizar um curso de escrita criativa. Para isso, selecionou-se os possíveis instrutores e, entre eles, convidou-se essa pesquisa para conduzir uma oficina durante o evento. No entanto, devido à ênfase na escrita exigida pelo evento, foi necessário apresentar uma ideia diferente das duas oficinas anteriores. Nessa nova abordagem, integrou-se essa linguagem ao universo da escrita e foram aplicadas técnicas voltadas para a escrita poética, com o objetivo de expandir e dar ao pajubá um contexto mais lírico.

**Figura 7 – Oficina AVL**



Fonte: elaboração do autor.

Esse evento ocorreu em 14 de outubro de 2023, em um sábado, na cidade de Valparaíso de Goiás. E que sucesso foi! Embora a maioria do público fosse composta por indivíduos cisgênero, heterossexuais, com mais de 50 anos e mulheres, a recepção à oficina foi impressionante. Vale ressaltar que entre elas havia outros três homens cisgêneros homossexuais que já possuíam familiaridade com os termos do pajubá.



O evento seguiu uma estrutura similar à da segunda oficina, intercalou dinâmicas com momentos de escrita e discussão sobre o pajubá. Dessas sessões, surgiram belíssimos poemas que, inclusive, foram incorporados ao início das seções deste capítulo para enriquecer ainda mais a pesquisa.

As avaliações foram positivas. Diferentemente do questionário aplicado na Universidade de Brasília, neste evento, optou-se por permitir que os participantes expressassem suas impressões de forma espontânea. E foi exatamente isso que eles fizeram.

Foi tudooo nosso encontro. O babado foi forte. É muito divertido ver as produções com o pajubá (participante 02 da oficina 03 de pajubá, realizada em 14 de outubro de 2023 em Valparaíso de Goiás, Goiás).

As palavras de elogio foram significativas e permearam por toda a avaliação relacionada à realização da oficina. Uma delas, inclusive, descreveu ter sido encantada e ter se sentido livre para ser verdadeira e expressar-se por meio da escrita. Nas suas palavras: “Consegui me libertar daquela voz sisuda. Foi uma experiência incrível”.

Outra participante compartilhou que, além de ter se emocionado durante a oficina, ela também adquiriu conhecimentos incríveis. Para ela, as discussões e interações foram fundamentais para o seu desenvolvimento pessoal e intelectual.

A construção hoje foi incrível! Construção alicerçada em muita emoção, vários babados, várias descobertas. Obrigada pela oportunidade de aprendizagem e trocas. Com certeza saí muito mais “phyna” e “rycaaaa” em conhecimento. (participante 03 da oficina 03 de pajubá, realizada em 14 de outubro de 2023 em Valparaíso de Goiás, Goiás)

Com essa oficina, encerrou-se o ciclo de eventos. Cada oficina foi única em suas particularidades e, a partir dessas experiências cada vez mais aprimoradas, será possível oferecer um produto técnico enxuto e dinâmico. Esse produto será capaz de valorizar o pajubá e enaltecer a cultura nos espaços educacionais brasileiros.

O objetivo é oferecer esse produto aos profissionais da educação das escolas públicas municipais de Valparaíso de Goiás e promover uma educação mais alinhada com a diversidade e a pluralidade de orientação e gênero.

### **3.5. Roteiro para a oficina**

A seguir, apresenta-se o roteiro da oficina e uma explicação das atividades que deverão ser propostas durante o evento.



- 3.5.1** Recepção dos participantes
- 3.5.2** Vídeo I: Diálogos em Pajubá (Glossário das Bichas parte II)
- 3.5.3** Exposição de dados e fatos históricos relacionados à variante pajubá – parte 1
- 3.5.4** Interrupção para dinâmica Árvore Pajubesca e Amarelinha de Perguntas
- 3.5.5** Exposição de dados e fatos históricos relacionados à variante pajubá – parte 2
- 3.5.6** Dinâmica: Árvore Pajubesca e Amarelinha de Perguntas
- 3.5.7** Divisão em grupos: mímica a partir de figuras e palavras em pajubá
- 3.5.8** Intervalo
- 3.5.9** Dinâmica: Árvore Pajubesca e Amarelinha de Perguntas
- 3.5.10** Vídeo II: Comédia MTV – Escola de Gays
- 3.5.11** Escrita: Quadrinhos Laerte-se – organização em grupos, proposta de escrita e acompanhamento dos grupos
- 3.5.12** Exposição das escritas: fala de um membro de cada grupo
- 3.5.13** Roda de conversa: resultados alcançados
- 3.5.14** Agradecimentos e encerramento

### **3.6. Descrição das dinâmicas**

**3.6.1.** Árvore pajubesca e amarelinha de perguntas: um participante voluntário se oferece para brincar de amarelinha. Ao lançar a pedra, o número atingido será usado como referência para remover uma figura com um texto (fruto) da Árvore Pajubesca. Após isso, o jogador lê o texto, exhibe a figura (fruto) aos demais participantes e, em seguida, precisa responder a uma pergunta clara com três opções possíveis. Se a resposta estiver correta, será recompensado com uma pequena lembrança.

**Figura 8 - Amarelinha de Perguntas**



Fonte: própria.

**3.6.2. Mímica a partir de figuras e palavras em pajubá (Inspirado no jogo de mímica da Estrela):**

**3.6.2.1. Objetivo:** Terminar o jogo com o maior número de pontos.

**3.6.2.2. Cartas:** As opções de mímica estão devidamente identificadas nas cartas.

**3.6.2.3. Como jogar:**

Sugere-se a realização de uma ou mais rodadas para determinar o vencedor. Será atribuída pontuação de um ponto caso a pessoa acerte o que a figura indica, pronunciando seu nome de acordo com a formalidade da língua portuguesa. No entanto, se o grupo conseguir acertar o nome da figura ao pronunciar seu nome de acordo com a linguagem explicitada no dicionário do pajubá, esse grupo receberá três pontos. Se o grupo acertar o nome em língua portuguesa e, em seguida, pronunciá-lo em pajubá, receberá quatro pontos.

O jogo será executado em equipes com números equivalentes, provavelmente duas ou três equipes. Caso uma equipe tenha um jogador a mais, a cada rodada, um dos jogadores dessa equipe ficará de fora da vez de fazer a mímica, de forma que todas as equipes joguem a mesma quantidade de rodadas.

O moderador deverá pegar uma folha de papel e registrar o nome das equipes para anotar os pontos.

Uma das equipes dá início à jogada ao selecionar um jogador para iniciar a rodada. O jogo deve prosseguir no sentido horário, ou seja, dos ponteiros do relógio. O jogador escolhe uma carta e, quando estiver pronto, o moderador inicia um cronômetro de trinta segundos. Assim que o cronômetro for acionado, o jogador deve começar imediatamente a fazer a mímica. Apenas os jogadores da equipe do mímico devem tentar adivinhar a palavra. Se a equipe acertar antes do término do tempo, eles têm o direito de escolher outra carta e repetir o processo até que o tempo se esgote. Ao final do tempo, o moderador deve anotar os pontos na folha, considerando as palavras corretamente adivinhadas, e, então, passar a vez para a outra equipe.

Após todos os participantes terem concluído suas representações gestuais, a rodada chega ao fim. Ao término de todas as sequências de jogadas, é responsabilidade do moderador somar os pontos obtidos. A equipe com a pontuação mais alta será declarada a grande vitoriosa.

**Figura 9 – Imagens das cartas do jogo de mímicas**





Fonte: imagens retiradas da internet.

#### 3.6.2.4. Dicas para mímicas

Para aprimorar a arte da mímica, é possível desmembrar a palavra em partes ou sílabas, além de realizar uma representação gestual que se assemelhe ao som da palavra em questão. Aqui estão quatro sinais que podem ser úteis durante a execução da mímica, mas você também tem total liberdade para criar os seus próprios gestos.

**3.6.2.4.1. Número de palavras:** Erga a quantidade de dedos correspondente ao número de palavras presentes na mímica.

**3.6.2.4.2. Número de sílabas:** Posicione a quantidade exata de dedos em seu pulso para indicar o número de sílabas presentes na mímica.

**3.6.2.4.3. Soa como:** Para realizar a imitação de algo que soe similar à sua mímica, é aconselhável apertar e balançar uma das suas orelhas pelo lóbulo.

**3.6.2.4.4. Quase isso:** Ao receber uma sugestão extremamente próxima da resposta correta, indique isso esfregando suavemente os dois dedos indicadores, demonstrando que a pessoa está prestes a acertar a mímica.

### 3.6.3. Escrita: quadrinhos Laerte-se:

Figura 10 – Quadrinhos Laerte-se



Fonte: Acervo Laerte.

Os participantes serão separados em quatro equipes com igual número de membros. Serão entregues a todos quadrinhos para que possam criar suas próprias narrativas. As equipes terão trinta minutos para redigir seus textos.

Quando os trinta minutos se passarem, cada equipe deverá compartilhar suas histórias com os demais participantes da oficina. Os diálogos dos personagens devem incluir expressões em pajubá.